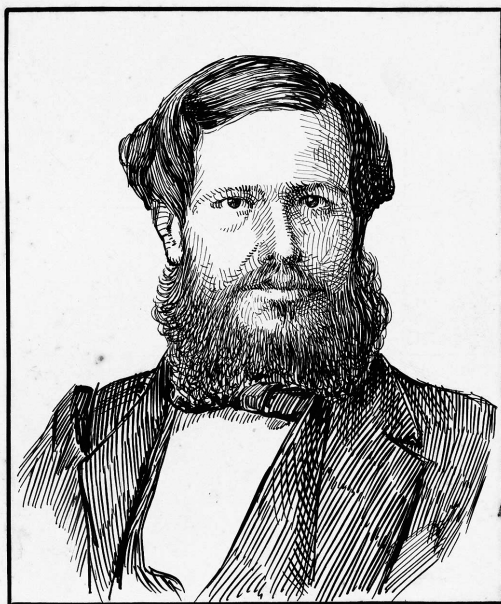


# *Memória*



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 35, N. 1, JAN.–DEZ. 2024  
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA  
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



*Ernesto Ferreira França, filho*

Ernesto Ferreira França Filho em desenho sem data (c. 1980)  
(Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

# Richard Wagner e o Brasil<sup>1</sup>

*Carl Heinrich Hunsche*<sup>2</sup>

**RESUMO:** No seguinte estudo o autor, que é brasileiro, publica dados interessantíssimos, colhidos no arquivo da Casa Wahnfried, em Bayreuth, sobre as relações do Maestro Richard Wagner com o Brasil, em especial, com o seu muito erudito Imperador D. Pedro II, que, em pessoa, assistiu à abertura das Festas Wagnerianas de Bayreuth, em 1876. O que é de grande valor científico, são as seis cartas do suplemento, até hoje inéditas, demonstrando, claramente, a intenção de Wagner de aceitar o convite ao Teatro Lírico do Rio de Janeiro e de dedicar *Tristão e Isolda*, ópera planejada, em 1857, a D. Pedro II.

Quando, em agosto de 1876, o longo e sacrificado esforço de décadas de Richard Wagner por uma renovação da ópera alemã foi coroado com a inauguração do *Festspielhaus* em Bayreuth, essa até então tão idílica cidadezinha bávara viu-se subitamente no centro da vida artística não apenas da jovem Alemanha de Bismarck, como também do mundo exterior amante das artes.

35

O eminente biógrafo báltico-alemão<sup>3</sup> de Wagner Carl F.[riedrich] Glasenapp<sup>4</sup> relata o esplendor solene deste extraordinário evento artístico da

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente sob o título “*Richard Wagner und Brasilien*” no *Ibero-Amerikanisches Archiv*, n. 13, v. 3, 1939, p. 199–216. Sinceros agradecimentos são devidos nesta ocasião ao Diretor Científico do *Ibero-Amerikanisches Institut* de Berlim, Dr. Peter Birle, pela orientação relativamente a permissões para tradução e publicação do ensaio de Carlos Henrique Hunsche no presente volume da *Revista Brasileira de Música*. (Nota do tradutor, João Vidal, doravante ‘N.T.’)

<sup>2</sup> O texto é assinado na publicação original por “C. H. Hunsche, Berlin”. Um esboço biográfico do autor está dado no artigo-comentário que segue-se à presente tradução, onde são oferecidos esclarecimentos pertinentes também às variadas formas de apresentação do seu nome e à sua filiação institucional à época da publicação. (N.T.)

<sup>3</sup> No original, “*Baltendeutsche*”: denominação dada aos alemães étnicos originários dos países bálticos. Carl Friedrich Glasenapp nasceu e viveu pela maior parte da vida em Riga, atual Letônia (durante o século XIX e até 1918 parte do Império Russo). (N.T.)

<sup>4</sup> Nomes próprios são destacados na edição original com recurso ao “*Sperrsatz*” (ou “*Sperrschrift*”), ou seja, ao espaçamento dos caracteres segundo o antigo estilo tipográfico

época: “A cada quinze minutos, avoluma-se a multidão, com novas carruagens trazendo sem cessar convidados do festival e espectadores curiosos, milhares de pessoas em um desfile interminável colina acima. Ali, misturaram-se em um tumulto colorido e murmuroso os representantes de todas as partes da pátria alemã, assim como de nações estrangeiras: franceses, ingleses, americanos, italianos, dinamarqueses e russos, belas mulheres e homens renomados, maestros, músicos, pintores, bem como alguns dos nossos ‘famosos poetas’, em suma — ‘celebridades de todos os tipos’.”<sup>5</sup> Condes, príncipes e duques nacionais e estrangeiros, incluindo o Conde Kuno von Moltke e o Príncipe de Liechtenstein, honraram Wagner com sua presença; além deles, os músicos Franz Liszt e Camille Saint-Saëns, os pintores Lenbach e Menzel, a poetisa Malwida von Meysenbug, o arquiteto Gottfried Semper e muitas outras figuras ilustres da época se apresentaram a Bayreuth. À frente de todos, porém, estava o provento *Kaiser Wilhelm I.* [200] Mas um segundo imperador também fez-se presente: D. Pedro II do Brasil.

36

### **D. Pedro II em Bayreuth em 1876**

D. Pedro II encontrava-se então em sua segunda e mais extensa viagem internacional,<sup>6</sup> que por ocasião da Exposição Mundial da Filadélfia levou-o aos Estados Unidos e de lá à Europa, onde teve a oportunidade de conhecer pessoalmente todos os países europeus, incluindo a Rússia, [e ainda] a Turquia, a Palestina e o Egito. Devido aos seus aprofundados estudos especializados nos campos da linguística,<sup>7</sup> da arqueologia, da tecnologia e da vida artística, que lhe conferiram a justificada reputação

alemão; tais ênfases foram descartadas na presente tradução apenas nos casos de nomes próprios, sendo substituídas nos demais casos pelo uso de itálicos. (N.T.)

<sup>5</sup> Carl Friedrich Glasenapp, *Das Leben Richard Wagners* [A vida de Richard Wagner], Leipzig, 1905, v. 5, p. 288. (Nota do autor, doravante ‘N.A.’)

<sup>6</sup> Rodolfo Garcia, “Viagens de D. Pedro II”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 98, v. 152, Rio de Janeiro, 1938 [sic; recte: 1925], p. 115 e seguintes. (N.A.)

<sup>7</sup> Diz-se que D. Pedro dominava treze línguas, incluindo o sânscrito e o hebraico. (N.A.)

um “sábio no Trono Imperial”,<sup>8</sup> D. Pedro sentia a necessidade natural de, em suas viagens, conhecer pessoalmente e estabelecer vínculos com as personalidades de seu vasto círculo de interesses. Assim, manteve ele relações estreitas com [Louis] Pasteur, [Michel Eugène] Chevreul, [Alphonse de] Lamartine, Victor Hugo e o Conde [Joseph-Arthur de] Gobineau, com Alexandre Herculano em Lisboa, com os acadêmicos alemães [Robert] Bunsen e Kuno Fischer em Heidelberg, com [Henry Wadsworth] Longfellow e [Charles] Darwin. Visitou o grande descobridor alemão de Troia Heinrich Schliemann na Grécia, enquanto este estava ocupado com a escavação da fortaleza de Agamenon, a “Micenas rica em ouro”. D. Pedro conheceu o filósofo Friedrich Nietzsche, durante uma viagem à Suíça, devido a um acaso que levou Nietzsche ao vagão de luxo do Imperador, onde desenvolveu-se entre ambos uma conversa extremamente animada, sem que um soubesse quem era o outro.<sup>9</sup>

Com uma participação tão ativa nos acontecimentos intelectuais da época, era inevitável que a inauguração do Festival de Bayreuth também exercesse uma grande atração sobre o monarca. D. Pedro encontrava-se então, devido a um tratamento de saúde de sua esposa, em Bad Gastein. [201] Lá, teve uma audiência com o *Kaiser Wilhelm I*, que também esteve presente à inauguração do *Festspielhaus* em Bayreuth. Não se deve descartar a possibilidade de que, dessa forma, D. Pedro tenha sido mais uma vez alertado para a importância de Richard Wagner. Esta é porém apenas uma

37

<sup>8</sup> Ver os juízos contemporâneos de Charles Darwin, [William Ewart] Gladstone e Lamartine. Darwin: “O Imperador fez tanto pela ciência que todo o sábio lhe deve o maior respeito”. Gladstone: “É isto [sic; recte: este] o homem que eu chamo um grande e bom soberano, e um homem que, por sua conduta, está talhado para a posição que ocupa; um exemplo e uma benção para a sua raça”. Lamartine arrisca uma comparação com Frederico, o Grande: “O príncipe filósofo excede ao poeta coroado de Potsdam”. Reproduzido segundo Theodoro Sampaio, “A cultura intelectual do Imperador”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 98, v. 152, [Rio de Janeiro, 1925,] p. 143. (N.A.)

<sup>9</sup> Afonso d’E.[scragnonle] Taunay, “A formação intelectual de D. Pedro II”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 98, v. 152, Rio de Janeiro, 1928 [sic; recte: 1925,] p. 892. (N.A.)

suposição, que até o momento não pôde ser comprovada por fontes, o que aliás é característico da visita e das relações de D. Pedro com Bayreuth, sobre as quais apenas pouquíssimos registros documentais existem. A razão para tal provavelmente reside no fato de que os documentos necessários a este fim ainda repousam, sem terem sido examinados, em algum lugar no Brasil ou no castelo dos Condes d’Eu, na França, local de guarda do Acervo Imperial.<sup>10</sup> Apesar de diligentes buscas, também em Bayreuth apenas escassas novas pistas puderam ser encontradas, que nos levem além do que já sabia Glasenapp. De acordo com as fontes disponíveis até o momento, D. Pedro chegou a Bayreuth acompanhado de sua comitiva no dia da abertura dos festivais, 13 de agosto de 1876, às 15H30, vindo de Salzburg via Munique, e meia hora depois tomou parte da representação de gala de *Das Rheingold*, precisando porém deixar Bayreuth já na manhã seguinte, às 4H50, rumo a Colônia.

O Imperador ficou de tal forma encantado com a representação do *Rheingold*, que ignorou as convenções sociais e, naquela mesma noite, já em hora avançada, pediu para ser recebido por Richard Wagner a

38

<sup>10</sup> Um *Inventário dos Inestimáveis Documentos do Arquivo da Casa Imperial do Brasil existentes no Castelo d’Eu, em França* foi publicado, em dois volumes, nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* de 1939 (v. 54 e 55), mesmo ano portanto do presente ensaio de Carlos Henrique Hunsche sobre Wagner e o Brasil. Caberia a Américo Jacobina Lacombe, escrevendo em 1944, indicar a presença, no referido inventário, de documentação comprovando a ciência de D. Pedro II acerca das tratativas de Ferreira França Filho abordadas por Hunsche (Lacombe, 1944, p. 139). Complementarmente, Lacombe revela documentação (em sua posse) do Mordomo da Casa Imperial, o Conselheiro Paulo Barbosa da Silva (a quem a família Lacombe liga-se por laços de parentesco, como informado em Lacombe, 1988, p. 99), comprovando o recebimento, por D. Pedro II, da remessa de Wagner que será mencionada por Hunsche à frente. Trata-se de um bilhete do Imperador, escrito a lápis e nos seguintes termos: “É preciso responder ao Ricardo Wagner que recebi as suas óperas e o seu livro e que, agradecendo-lhe a oferta não posso desde já manifestar o apreço que faço de seus trabalhos; pois que ainda não houve tempo de examiná-los. Quem me mandou a carta do Wagner e os livros foi o filho do Ernesto França que se achava em Dresden” (Lacombe, 1944, p. 139). Anos depois, Lacombe indicaria, como possíveis acervos para pesquisas ulteriores, o Museu Imperial de Petrópolis e também (como também dirá Hunsche à frente) os arquivos da família Ferreira França. (N.T.)

fim de expressar sua grande admiração pelo mestre. Wagner, que apesar do grandioso sucesso do dia estava contrariado com pequenas falhas na estreia, ficou tão satisfeito com a visita inesperada do amável Imperador que seu ânimo logo elevou-se novamente. D. Pedro justificou sua aparição em horário tão incomum com o desejo de conhecer Richard Wagner pessoalmente; nem antes nem depois teria ele essa oportunidade, pois havia chegado apenas no final da tarde e, com grande pesar, precisaria partir de Bayreuth na manhã seguinte, bem cedo. Para o colóquio entre personalidades tão intelectualmente brilhantes como Wagner e D. Pedro não faltaram pontos de conexão, especialmente porque ambos possuíam uma rede de conhecidos e amigos de rara amplitude. Glasenapp aponta porém com razão que a relação amistosa que D. Pedro mantinha desde 1868 com o Conde Arthur Gobineau, que em determinado período integrou a Embaixada Francesa no Rio de Janeiro,<sup>11</sup> ainda não poderia ter servido de tema para a conversa, pelo simples [202] fato de que Wagner, naquela época, ainda não conhecia Gobineau.<sup>12</sup>

39

### **As tratativas do cônsul brasileiro Ferreira França com Richard Wagner em 1857**

A ponto de conexão mais natural para a conversação de D. Pedro com Wagner eram as tratativas realizadas dezenove anos antes (1857) pelo Cônsul-Geral do Brasil em Dresden,<sup>13</sup> Dr. Ernesto Ferreira França

<sup>11</sup> Oliveira Lima, “A cultura intelectual do Imperador”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 98, v. 152, Rio de Janeiro, 1928 [sic; recte: 1925], p. 146. (N.A.) Como comenta Heitor Lyra (1939), Wagner comparece com frequência na correspondência do Imperador com Gobineau; segundo Lyra, porém, Gobineau teria chegado ao Rio de Janeiro não em 1868, mas no “verão de 1869”, já como autor do *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853–55) onde era defendida “sua grande tese” de que seriam “impossíveis ordem e progresso na humanidade sem o predomínio das raças fortes sobre as raças fracas” (Lyra, 1939, p. 96) — como se verá, o pensamento de Gobineau relaciona-se não somente com o que seria posteriormente referido como “a ideologia de Bayreuth”, mas também com as concepções raciais expressas pelo próprio Hunsche em seu ensaio. (N.T.)

<sup>12</sup> Glasenapp, *Das Leben Wagners*, Leipzig, 1905, v. 5, p. 299. (N.A.)

<sup>13</sup> Não Leipzig, como escreve erroneamente R. Wagner em sua autobiografia. O

[Filho],<sup>14</sup> em nome de seu Imperador, com Richard Wagner, durante as quais Wagner foi convidado a visitar ou até mesmo a se estabelecer no Rio de Janeiro, a fim de apresentar suas obras ali com a prestigiada companhia de ópera italiana local. Como claramente evidenciado pelas cartas de Wagner a Franz Liszt,<sup>15</sup> bem como em vários escritos autobiográficos do mestre,<sup>16</sup> Wagner considerou seriamente, por um período, a realização desse plano brasileiro, tendo também a firme intenção de compor a ópera

consulado brasileiro situava-se na capital da Saxônia, o que também fica claramente evidente a partir das cartas de Ferreira França publicadas no anexo. Ver nota 15, abaixo [nesta edição, nota 25]. (N.A.) Não obstante a intenção de corrigir o detalhe factual em Wagner, Hunsche termina por confirmar deste um equívoco fundamental: pois também conforme claramente atestado pelas cartas de Ferreira França Filho publicadas no anexo, como notou Feder, “é errônea a narração que faz o compositor na autobiografia”, uma vez que Ferreira França Filho não se apresenta [na correspondência com Wagner] como ‘cônsul brasileiro’” (Feder, 1943a, p. 4). Já Lacombe vai além, informando, com base em Heitor Lyra, que, “na realidade, não havia consulado do Brasil nem em Leipzig, nem em Dresden” (1944, p. 137). (N.T.)

40

<sup>14</sup> Ernesto Ferreira França e não E. Ferreiro França, como indicado pelas publicações do próprio [sic; é Wagner quem assim refere-se a Ferreira França Filho em *Mein Leben*, v. 2, 1911 [1.<sup>a</sup> ed. 1872], p. 649–650]. (N.A.) Ernesto Ferreira França Filho (1828–1888) era filho de proeminente figura política do Império, tendo seu pai Ernesto Ferreira França ocupado, entre outras altas posições do Estado brasileiro, o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros no assim chamado “Gabinete de 2 de fevereiro de 1844”. Ferreira França (pai) foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal de Justiça em 25 de abril de 1857, e portanto *pari passu* os contatos de Ferreira França Filho com Wagner examinados por Hunsche. Wagner, e com ele Hunsche, identificam Ferreira França Filho erroneamente como Cônsul-Geral do Brasil em Dresden; como esclarece Lacombe, ele era “não propriamente [...] um funcionário do quadro diplomático, mas [...] um funcionário ‘em comissão’ na Europa, onde aliás desenvolveu elogiável atividade na aproximação cultural entre a Alemanha e o Brasil” (1944, p. 138). (N.T.)

<sup>15</sup> [Wagner,] *Briefe* [Correspondência] de 8 de maio e 28 de junho de 1857, de Zurique para Liszt. (N.A.)

<sup>16</sup> Ver R. Wagner, *Mein Leben*. Munique, 1911, p. 649–50, 657 e *Epilogischer Bericht über die Umstände und Schicksale, welche die Ausführung des Bühnenfestspiels “Der Ring der [sic; recte: des] Nibelungen” bis zur Veröffentlichung der Dichtung desselben begleiteten* [Relatório conclusivo sobre as circunstâncias e destinos que acompanharam a representação do *Bühnenfestspiel “Der Ring des Nibelungen”* até a publicação do libreto do mesmo], in: *Sämtliche Schriften und Dichtungen*. Leipzig: Volksausgabe, 1916, v. 6, p. 268–269. (N.A.)



*Tristan und Isolde*, esboçada em agosto de 1857, para a ópera italiana no Rio,<sup>17</sup> dedicando-a D. Pedro.

Detalhes acerca das negociações entre o Cônsul brasileiro Ferreira França e Wagner não puderam ser determinados até o momento, já que o caso não foi mais aprofundado nem pelo lado brasileiro, nem pelo alemão. No entanto, um significativo passo na pesquisa sobre Wagner pôde ser dado agora, através da análise minuciosa das seis cartas enviadas por Ferreira França a Wagner sobre esse assunto em 1857, que até o momento repousaram inéditas nos arquivos da Casa Wahnfried, em Bayreuth. *Graças à amável cooperação da Sra. Winifred Wagner*<sup>18</sup> e ao apoio da *Richard-Wagner-Forschungsstätte* [Centro de Pesquisa Richard Wagner] de Bayreuth, *instituído pelo Führer*<sup>19</sup> em maio de 1938 [203] (Diretor: Dr. Otto Strobel, Diretor do Arquivo Municipal), podem ser publicadas agora pela primeira vez em seu texto original em francês estas seis cartas de Ferreira França, bem como o rascunho da primeira carta de Wagner dirigida a Ferreira França em 15 de março de 1857, que também permanecia inédita no arquivo da Casa Wahnfried.

41

De acordo com essas cartas, que são reproduzidas integralmente no anexo, Ernesto Ferreira França apresentou-se a Wagner como “um dos admiradores do vosso talento e de vossas produções, as musicais como as

<sup>17</sup> Por “ópera italiana no Rio de Janeiro”, no contexto em questão, deve-se compreender sempre o teatro a sediar a companhia lírica da cidade (via de regra subsidiada pela exploração de loterias), segundo o costume internacionalmente difundido de sempre haver, nas principais capitais europeias e do Novo Mundo, ao menos uma casa dedicada ao repertório operístico italiano; no Rio de Janeiro de 1857, era esta o “Teatro Provisório”, inaugurado no Campo da Aclamação (Campo de Santana, atual Praça da República) em 1852, e que dois anos depois assumiu a denominação “Teatro Lírico Fluminense”. (N.T.)

<sup>18</sup> A inglesa Winifred Marjorie Wagner (*née* Williams, 1897–1980; filha adotiva do pianista Karl Klindworth) foi a mulher de Siegfried Wagner, compositor, regente e filho de Richard e Cosima Wagner (filha de Franz Liszt e da Condessa Marie d’Agoult). Uma próxima apoiadora de Hitler, com quem manteve uma correspondência regular, Winifred dirigiu o Festival de Bayreuth após a morte de Siegfried em 1930 e até o final da Segunda Guerra Mundial. (N.T.)

<sup>19</sup> Hunsche refere-se logicamente a Adolf Hitler. (N.T.)

literárias” (primeira carta enviada de Dresden, de setembro de 1857). Indo diretamente ao ponto, ele convida o mestre, que na época vivia em Zurique em meio a várias dificuldades, a “emprender uma viagem ao Brasil, cuja capital, o Rio de Janeiro, dispõe como sabeis de uma ópera italiana muito bem equipada, onde vossas criações poderiam ser encenadas e onde decerto encontraríeis no Imperador, protetor zeloso das letras e das artes, um esteio e uma proteção”. Simultaneamente, ele sugere ao mestre dedicar o ainda inacabado *Ring der* [sic; recte: des] *Nibelugen* a D. Pedro. — Com base nos documentos existentes, Ferreira França agiu em ambos os casos (o convite e a dedicatória) por iniciativa própria, e não em nome de seu Senhor Imperial, que tinha apenas 21 [sic; recte: 31] anos à época. Ele próprio escreve: “não estou encarregado de tomar sobre este assunto nenhuma iniciativa, mas acreditaria ter feito um serviço à minha pátria dando-lhe a ocasião de apreciar um talento como o vosso” (primeira carta). Wagner parece ter percebido a autonomia do cônsul, e descreve Ferreira França portanto como “um — real ou suposto — agente do Imperador do Brasil”; entretanto, em uma carta a Franz Liszt, datada de 8 de maio de 1857, Wagner menciona o convite de Ferreira França como se fosse uma missão imperial: “Agora, o Imperador do Brasil fez convidar-me para ir até ele no Rio de Janeiro”.

42

Em sua resposta de 15 de março de 1857, Wagner expressou grande alegria com o convite surpreendente, mas teve de lamentar a impossibilidade de aceitá-lo. Pois — e essa justificativa é emblemática de Wagner — “a singularidade da minha orientação artística remete-me unicamente à Alemanha”; além disso, “minhas composições dramáticas muito dificilmente tornar-se-iam compreensíveis por cantores italianos”. No entanto Wagner, em sua “situação persistentemente muito difícil”, como ele mesmo descreve, esperava tirar proveito da afeição do monarca amante das artes. “Curiosamente, a ideia assim estimulada (pelo convite) teve, na verdade, [204] um efeito muito agradável em mim, e pareceu-me que eu muito bem poderia produzir um poema musical apaixonado, que adequar-se-ia de forma admirável ao italiano”.<sup>20</sup> A ideia da possibilidade

<sup>20</sup> R. Wagner, *Mein Leben*, p. 649–650. (N.A.)

de uma apresentação italiana no Rio de Janeiro levou também o mestre a refletir de maneira fundamental sobre os cantores italianos.<sup>21</sup> Quanto à dedicatória do *Ring*, Wagner responde ao igualmente amante das artes Ferreira França que acreditava “ser impossível que a obra se preste a uma dedicatória a Sua Majestade o Imperador do Brasil”. Ele precisaria ainda de pelo menos dois anos para completá-la, e esta seria uma obra que só poderia ser apresentada em circunstâncias excepcionais, as quais só poderiam ser concretizadas na Alemanha. No entanto, ele dispunha-se a dedicar “exemplares adequadamente preparados” de suas obras anteriores ao Imperador brasileiro, e afirmava estar disposto, no caso de uma boa recepção destas no Rio, a “dedicar ao Imperador uma obra já concebida, a ser realizada posteriormente, que julgo mais apropriada para este propósito”.<sup>22</sup> Trata-se aqui do drama musical *Tristan und Isolde*, que

<sup>21</sup> R. Wagner, *Epilogischer Bericht über die Umstände und Schicksale, welche die Ausführung des Bühnenfestspiels “Der Ring der [sic; recte: des] Nibelungen” bis zur Veröffentlichung der Dichtung desselben begleiteten*, p. 268. (N.A.)

<sup>22</sup> A expressão “uma obra já concebida, a ser realizada posteriormente” (no original, “*ein bereits entworfenes, später auszuführendes Werk*”) pode suscitar desorientação no leitor pouco familiarizado com o complexo processo criativo e composicional de Wagner (cujo conhecimento poderia, aliás, orientar musicólogos empenhados hoje em compreender sua música em conexão com compositores wagneristas brasileiros, entre os quais, mais destacadamente, Leopoldo Miguéz e Alberto Nepomuceno). Como esclarece Egon Voss, nas óperas de Wagner, que ao contrário da maioria dos outros compositores era seu próprio libretista, “o processo de gênese seguia geralmente as seguintes etapas: I. Texto: leitura [das fontes literárias e literatura secundária] — esboços em prosa [*Prosaentwurf*] e estudos preliminares [*Prosaentwurf*] — rascunho em prosa [*Prosaentwurf*: onde a concepção dramática da obra era estabelecida, ainda que não definitivamente] — libreto [*Textbuch*: incluindo a elaboração e versificação do texto da etapa anterior, em geral com uma série de indicações para a composição da música]; [e] II. Música: esboços individuais e peças compostas previamente [passagens individuais, melodias, temas, motivos etc. frequentemente concebidos durante o trabalho no texto] — esboço de composição (primeiro rascunho completo) [primeira *Kompositionsskizze*: esboço do começo ao final da obra, quase sempre a lápis e em dois pentagramas, um para a melodia, outro para o acompanhamento (apenas a linha do baixo, indicativa da estrutura harmônica)] — esboço orquestral (segundo rascunho completo) [segunda *Kompositionsskizze*: um esboço integral da instrumentação, desenvolvido paralelamente ao estágio anterior; muito

Wagner, de fato, por algum tempo considerou compor para a companhia de ópera italiana do Teatro Lírico no Rio de Janeiro. Mais tarde, porém, Wagner admite sobre essa obra decididamente alemã: “depois de esboçar a composição do primeiro ato e compreender melhor o caráter da minha elaboração musical, lembrei-me, com um sorriso peculiar, da minha ideia inicial de escrever com esta obra uma espécie de ‘ópera italiana’.”<sup>23</sup> Ferreira França, em sua segunda carta enviada de Dresden, datada de 22 de março de 1857, responde prontamente à réplica de Wagner sobre o envio de obras anteriores a D. Pedro e explica ao mestre, em detalhes, como tais dedicatórias eram realizadas: “é habitual, quando apresenta-se qualquer obra a Sua Majestade, escrever algumas linhas na primeira página em branco. Podeis fazê-lo em alemão, visto que é uma língua que o Imperador ama e que fala com facilidade; assim como em geral a maior parte das línguas modernas da Europa”. Além disso, Ferreira França deixa transparecer o quanto o Imperador considerava importante

44

embora sem assumir o caráter de *particella*, consistia em geral de dois pentagramas para a orquestra e dois ou mais para as partes vocais, com divisão da partitura em seções e indicações para a orquestração em notas nas margens] — partitura [*Partitur*: a etapa de composição final da obra, igualmente do início ao fim, precedente à publicação propriamente dita; a partir de *Rienzi*, Wagner fez publicar suas obras como partituras orquestrais completas, algo não habitual no século XIX]” (Voss, 2021, p. 227). Como indica Barry Millington, Wagner tinha, de *Tristan und Isolde*, à época do contato com Ferreira França Filho entre março e julho de 1857, apenas uma *Prosaskizze* (hoje perdida) remontando a outubro de 1854 e um esboço da música datado de 19 de dezembro de 1856; o trabalho no *Prosaentwurf* teria iniciado apenas em 20 de agosto de 1857, com o *Textbuch* sendo concluído em 18 de setembro do mesmo ano (Millington, 1995, p. 343–344). O processo criativo desenvolveu-se então em velocidade realmente incomum, a ópera sendo toda completada no verão de 1859. Em conclusão, Wagner não teria faltado em absoluto à verdade, quando referiu-se a *Tristan*, na missiva de 15 de março de 1857, como “uma obra já concebida, a ser realizada posteriormente” — a formulação é sem dúvida coerente com o processo acima detalhado, muito embora, no caso específico de *Tristan*, a concepção da música possa ter precedido a da prosa (“por enquanto, música sem palavras”, escreveu Wagner a Marie Wittgenstein em novembro de 1856, antes de enviar a Mathilde von Wesendonck no início do ano seguinte um esboço musical (sem palavras) de *Tristan* (ver Dahlhaus, 1996, p. 83–84)). (N.T.)

<sup>23</sup> R. Wagner, *Mein Leben*, p. 657. (N.A.)

conceder a cidadania brasileira a personalidades de mérito estrangeiras, o que dá continuidade, sob um foco jurídico-estatal, ao convite da primeira carta. Ficamos também sabendo que o consulado brasileiro [205] estava localizado em Dresden, na Räcknitzstraße n.º 6.<sup>24</sup> Por fim, Ferreira França busca refutar a objeção de Wagner de que a peculiaridade da sua orientação artística o direcionaria exclusivamente para a Alemanha. Ele argumenta: “a única dificuldade da representação de suas óperas no Rio de Janeiro é a tradução do texto; mas mesmo esta não é insuperável”.

As quatro missivas subseqüentes do cônsul brasileiro, para as quais infelizmente não dispomos das respostas correspondentes de Wagner,<sup>25</sup> não têm para o mestre de Bayreuth a mesma importância das duas primeiras. Dignas de menção são as reduções para piano luxuosamente encadernadas das três óperas anteriores a *Tristan, Der fliegende Holländer, Tannhäuser* e *Lohengrin*, que foram despachadas de Hamburgo a 20 de junho de 1857, com as respectivas dedicatórias a D. Pedro.<sup>26</sup> Além disso, obtemos detalhes sobre a pessoa de Ferreira França, sobre suas relações com a música de Wagner e com a vida intelectual alemã em geral. Naquela

45

<sup>24</sup> Ver nota 8, acima [nesta edição, nota 14]. (N.A.)

<sup>25</sup> Certamente valeria a pena examinar os arquivos do Itamaraty, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil no Rio de Janeiro, ou — o que talvez fosse ainda mais frutífero — procurar cartas de Wagner nos acervos da família Ferreira França. (N.A.)

<sup>26</sup> De acordo com o Dr. O.[tto] Strobel, Diretor da *Richard-Wagner-Forschungsstätte*, essas valiosas reduções para piano autografadas permanecem até o momento desaparecidas. (N.A.) Segundo Bispo, Hunsche, ao retomar pouco mais de três décadas depois o tema de seu ensaio de 1939, no artigo *Os projetos de Wagner relativos ao Brasil em 1857: tentativa de uma retificação histórica, com base numa troca de correspondência não publicada* de 1971, tinha como “principal desejo” aquele de “verificar se existia no Brasil material sobre Wagner, a ser descoberto e explorado” (Bispo, 2014a), material que Hunsche definia como “precioso [...], até agora por descobrir e explorar cientificamente” (1971, p. 84). Resta claro, porém, que Hunsche ignora (em 1971) as descobertas documentais de Lacombe (1944) e, ainda, o *Inventário [...] do Arquivo da Casa Imperial do Brasil existentes no Castelo d’Eu, em França* publicado em 1939. Descobertas à qual Mariz somaria a notícia da existência, em São Paulo, de “uma partitura de *Tristão e Isolda* [...] em formato grande e pesadíssima, a qual continha [...] uma dedicatória a Sua Majestade D. Pedro II”, todavia sem a assinatura de Wagner (Mariz, 1988, p. 345). (N.T.)

época, Ferreira França residia não mais em Dresden, mas em Jena. O motivo da mudança não está dado. Em Jena, Ferreira França, que também dedicava-se à poesia e à linguística,<sup>27</sup> escreveu por volta dessa época uma brochura intitulada *Brasilien und Deutschland. Ein offener Brief an die Redaktionen der deutschen Tagespresse* [Brasil e Alemanha. Uma carta aberta às redações da imprensa diária alemã], publicada em 1858 pela Brockhaus, [editora] que ao longo de todo o século XIX demonstrou grande interesse pelo Brasil.<sup>28</sup> Esta brochura é um manifesto habilmente elaborado contra o *Offener Brief* [Carta aberta] do Conselheiro Privado do Governo Prussiano, S.[amuel] Gottfried Kerst, intitulado *Über Brasilianische Zustände [der Gegenwart, mit] Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien...* [Sobre as condições brasileiras na atualidade, com referência à emigração alemã para o Brasil...], um escrito publicado em 1853 em Berlim, que, na visão de Ferreira França, desacreditava o Brasil perante os Estados europeus.<sup>29</sup>

46

<sup>27</sup> A *Staatsbibliothek* de Berlim possui as seguintes obras de E. Ferreira França: *Lindóia, tragédia lírica em quatro atos* (Leipzig, 1859), *O livro de Irtília* (com prefácio de F.[rancisco] B.[onifácio] de Abreu; Paris, 1854), e *Crestomatia da língua brasílica* (Leipzig, 1859). (N.A.) Neste último título (alterado pelo autor para “*Crestomatia da língua brasileira*”), trata-se de uma enumeração de palavras da língua tupi presentes no léxico do português; Rodolfo Garcia creditou a origem do livro à iniciativa de D. Pedro II de oferecer ao IHGB, em 1849, estímulo simbólico e material ao estudos das línguas indígenas no Brasil (Garcia, *O ensino da língua tupi* [...], s.d.). (N.T.)

<sup>28</sup> Títulos como os de Ferreira França Filho foram publicados pela firma F. A. Brockhaus com a indicação, na folha de rosto, em português, “Livreiro de S. M. o Imperador do Brasil”. Como informa Roberta Campassi, as relações do editor alemão com o Imperador e instituições científicas brasileiras, muito notadamente o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tornaram-se mais intensas entre 1857 e 1864, perdurando contudo até a década de 1880 (Campassi, 2017). (N.T.)

<sup>29</sup> O título completo do escrito de Kerst elucida o descrédito percebido por Ferreira França Filho: *Über Brasilianische Zustände der Gegenwart, mit Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien und das System der brasilianischen Pflanze, den Mangel an afrikanischen Sklaven durch deutsche Proletarier zu ersetzen, zugleich zur Abfertigung der Schrift des Kaiserl.[ichen] brasil.[ianischen] Prof. Dr. Gade, Bericht über die deutschen Kolonien am Rio Preto* [Sobre as condições brasileiras na atualidade, com referência à emigração alemã para o Brasil e o sistema dos agricultores brasileiros, que buscam substituir a escassez de escravos africanos por proletários

Partindo de Jena, em 15 [sic; recte: 16] de junho de 1857, assistiu ele [Ferreira França] em Weimar à representação de *Tannhäuser*, sobre a qual escreve: “eu, que ouvi [...] os melhores cantores da Europa, e que, para ser franco, sou um pouco indiferente em matéria de música [206], fiquei todo comovido e tomado de admiração”. Ferreira França parece ter sido, de fato, um fervoroso adepto da cultura alemã, à qual atribuía uma grande força purificadora também para o jovem Brasil: “Acreditai-me bem, Senhor: um povo jovem, que desfruta há muito pouco tempo de um regime liberal e de uma ordem estabelecida nas questões públicas, não temos, contudo, menor sensibilidade para o belo: minha tarefa será tirar proveito desses sentimentos para o progresso de minha pátria, ao mesmo tempo em que ofereço à acolhedora Alemanha um novo horizonte em um novo hemisfério. [...] É a ciência, é a cultura alemã que desejaria ver renascer no Brasil sob felizes auspícios; é o espírito alemão, corretivo necessário às raças latinas, aliás cheias de riquezas intelectuais, mas que, infelizmente, em grande número de casos, não passam de faculdades não aproveitadas” (quarta carta enviada de Jena, de 26 de junho de 1857). Com a quinta carta, de 12 de junho de 1857, sabemos que Wagner formulou para Ferreira França um plano em que ele se mostrava disposto a viajar e atuar no Teatro Lírico do Rio, além de dedicar sua nova ópera *Tristan und Isolde* a D. Pedro. “Será sempre para mim uma satisfação muito viva e sincera”, escreve Ferreira França, “se conseguir tornar conhecidas no Brasil vossas óperas em geral, e em particular esta nova obra [*Tristan und Isolde!*] que se anuncia sob tão felizes auspícios”. O texto da ópera deveria ser traduzido para o italiano, e Wagner já deve ter solicitado ao cônsul brasileiro a indicação de um tradutor adequado.

47

alemães, simultaneamente destinado à refutação do escrito do Prof. Dr. Gade, do Império Brasileiro, intitulada Relatório sobre as colônias alemãs no Rio Preto], Berlim: Veit & Comp., 1853. A opinião de Hunsche, de que tratar-se-ia no escrito de Kerst de uma “difamação do Brasil como país de imigração” (1971, p. 81), parece ter sido também a percepção coeva no Brasil. Mais relevante é notar, porém, que Kerst tocava ali no incômodo tema do escravismo no Brasil, motivo de constrangimento para o país frente às nações europeias. (N.T.)

Também a questão financeira do empreendimento já havia sido considerada e discutida.

A última carta (enviada de Jena, 20 de julho de 1857) é de natureza inteiramente pessoal, a partir da qual podemos obter a maior parte das informações sobre a personalidade do autor. Segundo ela, Ferreira França planejava visitar Wagner na Suíça, solicitando-lhe uma “gentileza em um assunto que se encontraria ligado a esta viagem”. Ferreira França, que havia obtido o título de *Doktor beider Rechte*<sup>30</sup> com a tese *De jure belli ex historia enucleato*<sup>31</sup> na *Universität Leipzig*, desejava habilitar-se como *Privatdozent* em uma universidade alemã<sup>32</sup>; contudo, conforme mencionado nesta correspondência, seus pedidos teriam sido rejeitados devido ao fato de não possuir cidadania em nenhum dos estados pertencentes ao *Deutscher Bund* [Confederação Germânica]. Por isso, ele solicita que Wagner interceda por ele junto a uma universidade suíça. [207] Sobre *Tristan und Isolde*, consta nesta última carta, apenas: “escrevi, como tive a honra de informar-vos, ao Rio de Janeiro sobre *Tristão e Isolda*, bem como encaminhei a Sua Majestade o seu pedido referente à dedicatória. Se quiserdes escrever diretamente a Sua Majestade sobre

48

<sup>30</sup> Trata-se aqui do título de “Doutor em Ambas as Leis”, ou, como conferido então na Alemanha, “*Doctor Juris Utriusque*”, relativo ao doutoramento simultâneo nos direitos canônico e não-canônico (civil, ou romano), que remontava na *Universität Leipzig* ao século XVI. (No universo lusófono oitocentista, encontramos um equivalente no “Bacharel em Leis e Cânones”, título concedido por exemplo pela Universidade de Coimbra.) O trabalho redigido em latim — que Hunsche esclarece não ter recebido a denominação de *Dissertation* (“tese”) na instituição em que foi apresentado (ver nota 19 do artigo de 1939 [nesta edição, nota 31, abaixo]) — seria publicado em 1858 (Ernesto Ferreira França Filho, *De jure belli ex historia enucleato*. Leipzig, Alemanha: [s.n.], 1858). (N.T.)

<sup>31</sup> Conforme informado pelo Departamento Central de Teses [*Zentralstelle für Dissertationen*] de Gustav Fock, em Leipzig, este trabalho de 29 páginas, publicado em 1858 e armazenado na Biblioteca da Universidade de Leipzig, não está identificado como uma tese. (N.A.)

<sup>32</sup> Trata-se de título que, na Alemanha, foi entendido a partir do século XIX como uma qualificação pós-doutoral obtida por meio do instituto da “*Habilitation*” (equivalente à “livre-docência” de outros sistemas universitários), pela qual obtinha-se o reconhecimento da capacidade e a permissão para a docência (N.T.)



esse assunto, coloco-me inteiramente à vossa disposição para a expedição da correspondência”.

Assim termina a carta, interrompendo-se com isso também a correspondência entre Wagner e o cônsul brasileiro. O que aconteceu depois com Ferreira França não pode ser inferido dessas cartas. No entanto, seus esforços em prol da ciência brasileira não passaram despercebidos. O eminente historiador literário brasileiro Sílvio Romero menciona, em suas *Considerações indispensáveis*, a extensa introdução aos *Estudos alemães* de Tobias Barreto, que antes mesmo da época deste amigo sergipano da ciência alemã, Ernesto Ferreira França, “que foi professor da Faculdade em S. Paulo”, já havia trabalhado pela promoção da vida intelectual alemã no Brasil.<sup>33</sup> Talvez sua destituição do cargo ou transferência tenha causado este abrupto fim dos seus planos relacionados à Alemanha. O próprio Wagner comenta sobre esse episódio: “nem destas reduções para piano, nem do Imperador do Brasil e seu Cônsul Ferreiro [sic; recte: Ferreira], ouvi falar novamente em toda a minha vida”.<sup>34</sup> Assim consta na autobiografia de Wagner, ditada para sua amiga e futura mulher Cosima von Bülow [*née* Liszt] a partir de julho de 1865. Com satisfação ainda maior o mestre terá se visto frente ao seu antigo contratador, dezoito anos depois, naquela avançada hora da noite após a inauguração do *Festspielhaus*.

D. Pedro permaneceu em contato contínuo com Wagner e o círculo de Bayreuth. Desde o início, ele fez parte do *Patronatsverein* [Associação dos Patrocinadores], para o qual o *Bayreuther Blätter* foi designado como órgão oficial, que por sua vez deveria despertar a vida intelectual nacional e internacional para as ideias artísticas de Wagner.<sup>35</sup> Embora a

<sup>33</sup> Ver Tobias Barreto, *Obras completas*, v. 8 (*Estudos alemães*), 1.<sup>a</sup> ed., Sergipe, 1926, p. xix. (N.A.) Trata-se, nas referidas “*Considerações indispensáveis*”, da introdução à edição póstuma dos *Estudos alemães* de Barreto, editada e dirigida por Romero em 1892. (N.T.)

<sup>34</sup> R. Wagner: *Mein Leben*, p. 650. (N.A.)

<sup>35</sup> C. F. Glasenapp, *Das Leben R. Wagners*, v. 6, p. 55. (N.A.) Como analisa Bispo, “a revista deveria servir, assim, ao ensino ou à formação de intérpretes de um estilo compreendido essencialmente como alemão [...]. Essas folhas tornaram-se assim veículo

afiliação a esse *Patronatsverein* possa parecer de pouca importância para um observador externo,<sup>36</sup> não devemos esquecer que D. Pedro, como Imperador do Brasil, em estreita conexão com toda a Europa intelectual, pôde exercer influências profundas na vida cultural do seu país em geral e, como monarca entusiasta de Wagner, no cenário musical brasileiro em particular. [208]

### **Richard Wagner e a música brasileira do século XIX**

D. Pedro II, que ascendeu ao trono brasileiro aos cinco anos de idade devido à abdicação de seu pai em 7 de abril de 1831 [sic<sup>37</sup>], engajou-se desde cedo na vida artística, especialmente a musical, de seu país através de um apoio vigoroso a personalidades verdadeiramente criativas. Dessa forma, o grande músico e compositor brasileiro do *Hino Nacional Brasileiro*, Francisco Manoel da Silva, desfrutou do favor de seu Imperador até a sua morte, o que lhe permitiu fundar, em 1841 [sic<sup>38</sup>], o Conservatório de Música na capital do Império do Brasil. Um aluno deste Imperial Conservatório e de seu fundador Francisco Manoel foi Antônio Carlos Gomes (1836–1896), o maior músico não apenas do Brasil, mas de toda a América do Sul, que, aos 24 anos [incompletos], precipitadamente aban-

50

de uma tentativa de compreensão ou procura consensual de possibilidades de uma cultura alemã [...] passando a ser publicadas em 1878. D. Pedro II, pertencendo como sócio contribuinte ao *Patronatsverein* no seu primeiro escopo de criação de uma ‘escola de formação de estilo’, acusava em 1878 o recebimento dos números das *Bayreuther Blätter* de janeiro a março da associação como mensário destinado exclusivamente a contribuintes [...]” (Bispo, 2014b). (N.T.)

<sup>36</sup> Ainda nas palavras de Bispo, “D. Pedro II pertencia não só ao círculo de patrocinadores como também à associação destinada à escola e, a seguir, à difusão ideológica do movimento. Assim, dava ordens na mesma correspondência aos representantes do Império na Alemanha que entregassem à ‘Escola de Richard Wagner’ em Bayreuth uma contribuição [...]” (Bispo, 2014b). (N.T.)

<sup>37</sup> À abdicação de D. Pedro I seguiu-se o Período Regencial, até que D. Pedro II atingisse a maioridade, por sua vez antecipada para que este pudesse, em 1840, aos 14 anos de idade portanto, ser coroado Imperador do Brasil. (N.T.)

<sup>38</sup> Apenas em 1848 seria fundado o Imperial Conservatório de Música, instituição na origem da atual Escola de Música da UFRJ. (N.T.)

donou a casa paterna em Campinas para completar sua formação artística na Itália [sic<sup>39</sup>], com o apoio do Imperador amante das artes.

Na Itália, e especialmente em Milão, onde Carlos Gomes viveu ininterruptamente por mais de vinte anos e criou suas maiores obras musicais, entre as quais *Il guarany* (1870) e *Fosca* (1873), predominava, durante toda a segunda metade do século XIX, a arte verdiana, da qual também Carlos Gomes pode ser considerado um discípulo. De acordo com as duas principais obras sobre a vida musical no Brasil, indispensável livro de Guilherme T.[heodoro] P.[ereira] de Mello, *A música no Brasil[: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República]*,<sup>40</sup> publicado na Bahia em 1908, e a obra do mais jovem Renato Almeida, *História da música brasileira* (Rio, 1926), não pode-se observar qualquer influência wagneriana em Carlos Gomes.<sup>41</sup> Por sua vez, porém, seu compatriota um pouco mais jovem Leopoldo Américo Miguéz (1850–1902) é um discípulo integral da escola artística de Wagner. Filho de um espanhol e de uma brasileira, nasceu no Rio de Janeiro e, ainda jovem, mudou-se para o Porto, onde recebeu a melhor formação musical possível, para no entanto, em sua volta ao Brasil depois de vinte anos, dedicar-se ao comércio por vontade de seus pais. Somente após anos de luta e introspecção retornou ele de forma definitiva à arte, tornando-se, até sua morte relativamente precoce em 1902, um dos mais respeitados artistas brasileiros. Dirigiu a partir de 1890 o Conservatório de Música fundado por Francisco Manoel, que após a Proclamação da Repú-

51

<sup>39</sup> Carlos Gomes só iniciaria seus estudos na Itália, no Conservatório de Milão, em 1864; entretanto estudou ele no Imperial Conservatório do Rio de Janeiro sob orientação maior de Gioacchino Giannini. (N.T.)

<sup>40</sup> Com ligeiras modificações, esta obra de Guilherme de Mello foi publicada de forma ampliada em 1922 no *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico*, Rio de Janeiro, [1922,] p. 1.585–1.674, sob o título “*História artística*”. (N.A.)

<sup>41</sup> O tema da possível filiação Gomes a princípios técnicos ou estéticos wagnerianos constitui um debate nos estudos musicais brasileiros que, com raízes recepção coeva do compositor no Brasil e na Itália, foi tratado com maior ênfase por Mário de Andrade na *Revista Brasileira de Música* (1936, p. 255–256) e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1956, p. 79). Um avaliação geral da questão encontra-se em Marcos Pupo Nogueira, 2006 (p. 25–27 e 32–34 et passim). (N.T.)

blica no Brasil (1889) foi renomeado como Instituto Nacional de Música. Suas [209] mais importantes sinfonias [sic; recte: poemas sinfônicos], onde a influência de Liszt é particularmente perceptível, são: *Prométhée*, *Ave Libertas!*, *Parisina*, dedicada a Victor Hugo, e a *Ode Fúnebre a Benjamin Constant*. Leopoldo Miguéz também é o autor do *Hino [à Proclamação] da República*, entusiasticamente recebido em 1889 e unanimemente declarado como o novo hino nacional. Contudo, como o antigo hino de Francisco Manoel ligava-se a uma tradição consagrada, já estabelecida por duas gerações, o hino republicano de Miguéz não conseguiu impor-se. Ainda assim, ele ainda é ocasionalmente entoado no Brasil, ao lado do *Hino Nacional [Brasileiro]*. — A mais forte influência wagneriana, no entanto, é perceptível nas duas óperas de Leopoldo Miguéz, *Pelo amor!* e, especialmente, em *Os saldunes*, esta última tendo estreado em 20 de setembro de 1901 no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, o mesmo para o qual Richard Wagner teria sido contratado em 1857.<sup>42</sup> O enredo de ambas as óperas é do conhecido poeta e escritor brasileiro Coelho Netto. Sobre os *Saldunes*, Guilherme de Mello comenta: “Tudo nela é esplendoroso, desde o drama lírico cujo desenho estrutural de uma melodia quente, clara e fortemente colorida se aproxima do de Ricardo Wagner até a fusão de todas as artes cênicas e teatrais na qual sobressaem todas as artes dos sentidos [...]”.<sup>43</sup>

Renato Almeida, que visitou Bayreuth em outubro de 1936 e, nesta ocasião, presenteou a *Richard-Wagner-Gedenkstätte* (sob a direção da Srta. Helena Wallem) com seu livro *Figuras e planos* (Porto Alegre, 1936),

<sup>42</sup> A informação não é correta; trata-se, no caso da estreia d’*Os saldunes*, não do “Teatro Lírico Fluminense” situado no antigo Campo da Aclamação (Campo de Santana, atual Praça da República), e demolido em 1875, mas sim do Teatro D. Pedro II, erigido na Rua da Guarda Velha (atual Rua Treze de Maio) em 1871 e denominado a partir de 1890, com o advento da República, “Teatro Lírico”. Hunsche parece aqui procurar estabelecer um vínculo com o episódio do contato de D. Pedro II e Ferreira França Filho com Wagner onde não é possível fazê-lo. (N.T.)

<sup>43</sup> Guilherme de Mello, *A música no Brasil[: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República]*, Salvador, 1908], p. 318. (N.A.) A citação foi reproduzida aqui a partir do texto original em português de Mello, cuja parcialidade no julgamento estético da obra de Miguéz não é percebida por Hunsche (ver Vidal & Draghi, 2022, p. li, lix, lxii et passim). (N.T.)

tratando também de Wagner, com a dedicatória “para que esta biblioteca não permaneça mais sem uma única obra em português sobre Wagner”,<sup>44</sup> cita o juízo de Rodrigues Barbosa em seu livro *Um século de música brasileira no estado de São Paulo*<sup>45</sup>: “Miguéz, tão inspirado poeta, sentimental, lírico, grandioso em toda a sua obra, foi, em *I salduni*, um imitador de Wagner[; mas] um imitador genial, porque, se Wagner não houvera existido, *I salduni* seria uma obra prima sem igual”.<sup>46</sup>

Esta forte imitação de Wagner certamente se justifica, em parte, pela particular predileção do Imperador pela arte de Wagner.<sup>47</sup> Em si, o estilo de Wagner é alheio aos latinos, e por fluir de fontes puramente germânicas<sup>48</sup> não pode ser por eles compreendido em sua essência, exceto por

<sup>44</sup> O episódio é narrado por Almeida em *Minha viagem a Bayreuth* (1937, p. 189). Helena Wallem era filha adotiva de Carl Friedrich Glasenapp. (N.T.)

<sup>45</sup> Talvez Hunsche tenha pretendido dizer “*Um século de música brasileira* no jornal *O Estado de S. Paulo*”, caso em que teria sido traído por um erro tipográfico. Ainda assim, trata-se não de um *livro*, mas de uma série de textos publicados no referido jornal entre 9 e 19 de setembro de 1922. O conjunto dos artigos de Rodrigues Barbosa foi compilado e anotado por Paulo Castagna (2007). (N.T.)

<sup>46</sup> [Rodrigues Barbosa apud] Renato Almeida, *História da música brasileira*, [Rio de Janeiro, 1926,] p. 94. (N.A.) A citação, traduzida por Hunsche com alguma liberdade, foi reproduzida aqui a partir do texto original em português de Rodrigues, que refere-se à obra de Miguéz em sua tradução para o italiano (note-se também que o *non sequitur* de Barbosa não parece incomodar Almeida ou mesmo Hunsche: “se Wagner não houvera existido”, logicamente não haveria também *I salduni* tal como a conhecemos, nem wagneristas e wagnerismos). (N.T.)

<sup>47</sup> Trata-se aqui de conclusão apressada de Hunsche: o wagnerismo brasileiro esteve associado mais ao republicanismo (como movimento político e depois como regime) do que ao período monárquico e suas instituições culturais, mais intimamente conectados, no campo na música, à ópera italiana (como aliás a própria demanda apresentada a Wagner — de apresentar uma ópera *em língua italiana* — já evidencia). (N.T.)

<sup>48</sup> Hunsche introduz aqui uma oposição do elemento “latino” (“*romanisch*”, “*Romane*” no original de Hunsche) àquele “germânico” que constitui o cerne do seu argumento histórico-musical em torno do insucesso geral de Wagner na América do Sul: oposição fundamentada não em aspectos culturais, mas biologicamente determinada — como nota Hunsche logo a seguir, D. Pedro II, o “monarca amante das artes”, que “engajou-se desde cedo na vida artística, especialmente a musical, de seu país através de um apoio vigoroso a personalidades verdadeiramente criativas”, é alguém que também “possui, através de sua mãe [...] *metade de sangue alemão*” (grifo nosso), de modo

meio de abstrações intelectuais ou estéticas. Talvez tenha influenciado também o fato de Wagner, ao final do século, ter começado a tornar-se moderno também no exterior, [210] e assim também na América do Sul. No caso de D. Pedro, porém, a situação é distinta: ele próprio possui, através de sua mãe, a Arquiduchessa Leopoldina da Áustria, irmã de Franz Joseph, metade de sangue alemão,<sup>49</sup> o que talvez tornasse a arte

que para o Imperador, no que toca a compreensão de Wagner em sua “essência”, “a situação [seria] distinta”. Revela-se aqui não somente a adesão de Hunsche ao “moderno conceito de ‘raça’ europeu na tradição de Gobineau e do darwinismo social [popularizado por Houston Stewart Chamberlain]” (Bartelt, 2003, p. 96–97), como também um possível parentesco com o conceito racial externado por Ferreira França Filho em sua quarta missiva a Wagner (a noção do “espírito alemão [como um] corretivo necessário às raças latinas”), que apresentar-se-ia transformado, já em ângulo francamente favorável à miscigenação, no pensamento de intelectuais da “Escola do Recife” como Tobias Barreto e Silvio Romero (há pouco citados por Hunsche em conexão com Ferreira França Filho). (N.T.)

54 <sup>49</sup> A ênfase da ascendência germânica de D. Pedro II é encontrada também em um singular informe sobre Ferreira França Filho e Gonçalves Dias (que se encontrava em igualmente na Alemanha, entre outras coisas em visita à Brockhaus, que publicaria ainda em 1857 a segunda edição de seus *Cantos*) aparecido na edição de 21 de abril de 1857 da revista berlinense *Magazin für die Literatur des Auslandes* [Magazine para a Literatura Estrangeira]. Nesta, Feder (1943a, p. 3) encontrou, ao lado de informações sobre Ferreira França, a seguinte menção indireta a Wagner, no contexto de uma descrição dos esforços culturais de D. Pedro II: “Destacadamente é o Brasil o país do continente sul-americano que realiza os maiores esforços para libertar-se da incultura do torpor dos sentidos. O atual Imperador, D. Pedro II, *de ascendência alemã por parte de mãe*, é um dos príncipes mais inteligentes, que educa e eleva seu povo por meio da fundação de instituições científicas, reunindo ao seu redor estudiosos e artistas. Assim é que foi dirigido a um renomado e amplamente conhecido compositor um convite para ir ao Rio de Janeiro [...]” (Cl[au?]ß, 1857, p. 191). Consta no mesmo artigo um esclarecimento da razão da presença de Ferreira França Filho e Gonçalves Dias na Alemanha: “Um testemunho do vívido interesse do Imperador pela ciência e pela arte são os membros de uma expedição que o Imperador enviou à Europa para fins científicos, os quais, dispersos pela Europa, reuniram-se nestes dias em Dresden. Esses homens, movidos por uma ardente sede de conhecimento, possuem uma formação clássica que honraria uma universidade alemã. Seja-nos permitido destacar dois dos membros mais destacados desta expedição, que talvez estejam destinados a desempenhar ainda um papel importante na história de seu país. São eles os senhores Dr. F. França e A. G. Dias” (ibid., p. 191–192). Feder (ibid., p. 3) acredita que o texto seja da lavra do próprio Ferreira França, e não de certo “C. Clß. [Clauß?]” que

de Wagner mais acessível a ele. Contudo, a população de origem predominantemente latina do Brasil central provavelmente devia senti-la de maneira diferente. Além de Leopoldo Miguéz, não é possível encontrar portanto nenhum outro compositor brasileiro em que se possa identificar influências marcadamente wagnerianas, mesmo quando, como por exemplo Alberto Nepomuceno (\* 1864), tenha usufruído ele de sua formação na Alemanha (no *Stern'sches Konservatorium* de Berlim) por período prolongado e tivesse podido conhecer Wagner diretamente na fonte.<sup>50</sup> Não deve-se esquecer, finalmente, que o exterior, especialmente os países latinos de orientação parisiense, frequentemente associava a corrente artística de Wagner às ideias raciais germânicas de Gobineau e Houston Stewart Chamberlain, chegando até a considerá-la como a expressão artística da cosmovisão racial desses ideólogos étnico-nacionalistas.<sup>51</sup>

o assina. Evidências seriam os detalhes pessoais dispostos, e ainda a ambição subjacente à precedência de seu nome ao de Gonçalves Dias, um dos maiores poetas brasileiros da época. Tal explicaria ainda a menção a Wagner, uma vez que, como revelado por Hunsche, os contatos com o compositor desenrolavam-se *pari passu* a publicação do supracitado artigo no *Magazin für die Literatur des Auslandes*. (N.T.)

55

<sup>50</sup> Surpreende o enunciado de que “Nepomuceno [...] teria podido conhecer Wagner” (no original, “*Nepomuceno [...] Wagner hätte kennenlernen können*”), mas não o teria feito. Com efeito, a relação da música de Nepomuceno com Wagner era mencionada ou debatida na imprensa brasileira mesmo antes de sua viagem de estudos à Alemanha. Em princípios de 1890, por exemplo, noticiava o jornal *Libertador* (Fortaleza, Ceará): “É filho do Ceará, este músico muito bem educado, muito instruído, pianista e compositor de mérito. Acha-se atualmente em Roma [...]. Nepomuceno é da opinião, já hoje muito generalizada, de que os dramas líricos devem ser escritos em prosa e não em verso, para que o compositor não tenha peias nem se entibie. [...] O jovem cearense, *que é um modernista e adora a escola wagneriana*, espera concluir os seus estudos em Leipzig ou Munique” (15 fev. 1890, p. 3). No seu retorno ao Brasil, não raro encontramos referências de semelhante teor, por exemplo no jornal *A Notícia*, no contexto dos debates públicos do compositor com o crítico Oscar Guanabara de 1895; aqui, é Nepomuceno mesmo quem aponta Wagner como “o modelo de que me servi” (para a composição da canção *Amo-te muito*), inclusive citando nominalmente obras como *Lohengrin* e *Tristan und Isolde* (2 nov. 1895, p. 3). A falha de Hunsche é, contudo, menos sua do que da historiografia musical brasileira de que se acerçou. (Para uma discussão mais aprofundada do wagnerismo de Nepomuceno, ver Vidal, 2020.) (N.T.)

<sup>51</sup> Na expressão original de Hunsche, “*die rassistische Weltanschauung dieser völkischen*

Renato Almeida, em seu livro oferecido à *Richard-Wagner-Gedenkstätte* em Bayreuth, destaca precisamente essas conexões<sup>52</sup> e, a partir de seu pensamento latino adota, se não uma postura de rejeição, frequentemente uma atitude reservada em relação à obra de Wagner, sobretudo em seu componente ideológico. “Meio século depois da sua morte”, conclui a seção sobre Wagner no referido livro de Almeida, “nós não adoramos mais Wagner como um deus, nós o admiramos como um grande músico. Não sofremos mais a opressão da sua obra, mas contemplamos a sua glória, cujo fulgor o nosso entusiasmo aumenta. Não aceitamos um Wagner integral, em bloco, mas o Wagner que ressoa na nossa sensibilidade e será eterno. Podemos gritar — Wagner morreu; viva Wagner!”<sup>53</sup>

Tanto como músico quanto como poeta e dramaturgo, Richard Wagner é uma personalidade que, como vimos, exerceu uma forte influência também na América do Sul, quer tenha sido recebido com entusiasmo ou avaliado de forma crítica ou mesmo cética. Vale a pena o esforço de investigar mais a fundo as relações de Wagner com a América do Sul; certamente, muitas informações valiosas ainda poderão ser reveladas, contribuindo para o avanço da pesquisa sobre Wagner. Surgem aqui, especialmente para a ciência brasileira, tarefas que aguardam a sua devida análise. [211]

*Prediger*”, que poderia ser traduzida também como “a cosmovisão racial desses pregadores étnicos” (ou ainda “povistas”, conforme tradução do epíteto “*völkisch*” por Bispo, 2014b). O francês Gobineau, como já notado o autor de um *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853–55), notabilizou-se entre outras coisas pela noção de que a miscigenação racial levaria à “degeneração da espécie humana”, uma perspectiva segundo Millington (1995, p. 30) compartilhada com Wagner. Já Chamberlain, escritor alemão de nascimento inglês, aproximou-se do círculo de Wagner para, novamente segundo Millington, “desempenhar um papel de destaque na modelagem do culto”, dedicando-se à propaganda de Bayreuth e colaborando para a formulação de uma “ideologia nacionalista/*völkisch* com a qual os obras de Wagner tornaram-se indelevelmente associadas, no período Wilhelminiano tardio” (Millington, 2001). (N.T.)

<sup>52</sup> De fato, o primeiro capítulo de *Figuras e planos* (1936) de Renato Almeida é dedicado inteiramente a Houston Stewart Chamberlain. (N.T.)

<sup>53</sup> Renato Almeida, *Figuras e planos*, Porto Alegre, 1936, p. 129. (N.A.)



## Anexo

Seis cartas do Cônsul brasileiro Dr. Ernesto Ferreira França a Richard Wagner na versão original em francês e a forma original da primeira réplica de Wagner.<sup>54</sup>

- I. Primeira carta de Ferreira França [Filho] a Wagner enviada de Dresden em 9 de março de 1857.
- II. Primeira réplica de Wagner enviada de Zurique em 15 de março de 1857.
- III. Segunda carta enviada de Dresden de 22 de março de 1857.
- IV. Terceira carta enviada de Jena de 16 de junho de 1857.
- V. Quarta carta enviada de Jena de 26 de junho de 1857.
- VI. Quinta carta enviada de Jena de 12 de julho de 1857.
- VII. Sexta carta enviada de Jena de 20 de julho de 1857.

I. Ernesto Ferreira França an  
Richard Wagner

*Wilsdruffergasse n.º 3  
Dresden le 9 Mars 1857*

*Monsieur.*

*Je suis un des admirateurs de votre talent et de vos productions tant musicales que littéraires, et sachant que vous êtes à Zurich, et peut-être sans avoir des liens qui vous attachent pour le moment à ma patrie, en joignant dans ma pensée la nature enchanteresse du Midi et le*

I. Ernesto Ferreira França [Filho] para  
Richard Wagner

*Wilsdruffergasse n.º 3  
Dresden, 9 de março de 1857*

*Senhor,*

*Sou um dos admiradores do vosso talento e de vossas produções, as musicais como as literárias, e sabendo que vos encontras em Zurique, e quiçá sem dispor de laços que de momento vos liguem à minha pátria, unindo em meu pensamento a natureza encantadora do*

57

<sup>54</sup> As cartas transcritas por Hunsche em francês (de Ferreira França Filho) e em alemão (de Wagner, o “rascunho” preservado em Bayreuth) foram publicadas em traduções para o português por Feder (1943) e ainda, de forma parcial, pouco mais de três décadas após o artigo no *Ibero-Amerikanisches Archiv*, pelo próprio Hunsche (1971). Consideramos contudo insatisfatórios os resultados alcançados por ambos no intento, caracterizado nos dois casos pela tomada de liberdade excessivas em relação aos originais de 1857; pretende-se assim, aqui, a fixação do conteúdo da correspondência em questão da forma mais fiel possível aos originais (também incluídos aqui, para fins de cotejamento). Tal não teria sido possível, contudo, sem o preciso auxílio, na parcela em língua francesa desta documentação, de Fernando Santos Berçot, a quem portanto sinceros agradecimentos são devidos. (N.T.)

*beau génie que personne ne saurait vous disputer. J'ai donc pensé vous vous pourriez peut-être décider à faire un voyage au Brésil, dont la capitale Rio de Janeiro a comme vous le savez un opéra Italien très-bien monté, où vos productions pourraient être mises en scène<sup>55</sup> et où vous trouveriez sans doute dans l'Empereur, protecteur zélé des lettres et des arts, un appui et une protection.*

*J'ai donc pris a [sic; recte: la] liberté de vous consulter sur ce rapport, et si vous m'y autorisez, j'écrirai le 24 de ce mois à la Direction du Théâtre Lyrique de Rio de Janeiro, ce qu'il vous plaira que je lui fasse savoir. Je ne suis pas chargé de prendre sous ce rapport aucune initiative [sic; initiative], mais je croirai avoir fait un service à ma patrie en lui fournissant l'occasion l'apprécier [sic; recte: d'apprécier] un talent comme le vôtre.*

58

*J'entends encore que vous mettez la dernière main à un grand ouvrage dont le titre est digne de vous — Die Niebelungen [sic; recte: Nibelungen]. Si par hasard vous vouliez dédier à S. M. l'Empereur ce nouvel Opéra, je me chargerais avec beaucoup de plaisir de faire parvenir votre demande à S. M., dont les qualités et l'illustration sont au-dessus de tout éloge. Dans ce cas votre requête devrait être ac[c]ompagnée d'un exemplaire de toutes vos œuvres musicales et poétiques. J'espère, Monsieur, que vous voudrez bien excuser la liberté que j'ai prise, et que vous agréerez l'hommage de la haute considération avec laquelle j'ai l'honneur d'être*

Votre très humble serv[i]t[eu]r  
le Dr. Ernesto Ferreira França.

*Sul ao belo gênio que ninguém poderia contestar em vós. Pensei, portanto, que quiçá poderíeis tomar a decisão de empreender uma viagem ao Brasil, cuja capital, o Rio de Janeiro, dispõe como sabeis de uma ópera italiana muito bem equipada, onde vossas criações poderiam ser encenadas e onde decerto encontraríeis no Imperador, protetor zeloso das letras e das artes, um esteio e uma proteção.*

*Tomei, pois, a liberdade de consultar-vos sobre este assunto, e se me autorizardes, escreverei a 24 deste mês, à Direção do Teatro Lírico do Rio de Janeiro, aquilo que vos aprouver deixá-la saber. Não estou encarregado de tomar sobre este assunto nenhuma iniciativa, mas acreditaria ter feito um serviço à minha pátria dando-lhe a ocasião de apreciar um talento como o vosso.*

*Ouçõ também que dais o último retoque a uma obra cujo título é digno de vós — Die Niebelungen [sic; recte: Nibelungen]. Se porventura desejardes dedicar a Sua Majestade o Imperador esta nova ópera, com muito prazer tomarei o encargo de fazer chegar vosso desejo a Sua Majestade, cujas qualidades e ilustração estão acima de todo elogio. Neste caso, vosso pedido deveria vir acompanhado de um exemplar de todas as vossas obras musicais e poéticas. Espero, Senhor, que tenhais a bondade de desculpar a liberdade que tomei, e que aceiteis a homenagem da alta consideração com a qual tenho a honra de ser*

Vosso bem humilde servo,  
Dr. Ernesto Ferreira França.

<sup>55</sup> No original lê-se “scènes”. (N.A.)

## II. Richard Wagner an Ernesto Ferreira França<sup>56</sup>

*Geehrter Herr!*

*Sehr überrascht und erfreut durch Ihre Mittheilung und Aufforderung, muß ich dennoch bedauern, einer Einladung nach Rio [de] Janeiro nicht folgen zu können. Das Eigentümliche meiner Kunstrichtung verweis't mich einzig auf Deutschland, und namentlich dürften meine dramatischen Compositionen von Italienischen Sängern wohl schwerlich zum Verständnis zu bringen sein. Mit meinem neuesten, sehr complicirten Werke, an dem ich mindestens noch 2 Jahre zu arbeiten habe, verhält es sich aber so, daß ich unmöglich glauben kann, es werde sich zu einer Dedication an S. M. d.[en] Kaiser von Br.[asilien], eignen. Es wird nur unter außerordentlichen Umständen zur Aufführung zu bringen sein, und diese können nur in Deutschland herbeigeführt werden. Die Aussicht, die Sie mir jedoch eröffnen, in der Person Ihres kunstsinnigen Kaisers einen großmüthigen Protector zu finden, dürfte mir, in meiner andauernd sehr schwierigen Lage, sehr erfreulich sein, wenn ich im Stande wäre, seine Gunst zu verdienen. Glauben Sie, daß eine Zusendung meiner musikalischen u.[nd] poetischen Werke von S. M. irgendwo günstig u.[nd] vorteilhaft aufgenommen werden könnte, so bitte ich Sie, mir zu melden, bis wann ich Ihnen die geeignet hergerichtete Exemplare zu*

## II. Richard Wagner para Ernesto Ferreira França [Filho]

*Prezado Senhor!*

*Muito surpreendido e contente com sua comunicação e convite, devo no entanto lamentar não poder aceder a um convite para o Rio de Janeiro. A singularidade da minha orientação artística remete-me unicamente à Alemanha, e especialmente minhas composições dramáticas muito dificilmente tornar-se-iam compreensíveis por cantores italianos. Com minha obra mais recente, bastante complexa, na qual preciso trabalhar ao menos por ainda dois anos, a situação é tal, que posso acreditar ser impossível que ela se preste a uma dedicatória a Sua Majestade o Imperador do Brasil. Apenas sob circunstâncias extraordinárias ela poderá ser apresentada, e estas só poderiam ser concretizadas na Alemanha. Mas a perspectiva que me franqueais, de encontrar, na pessoa de vosso Imperador amante das artes, um generoso protetor, seria para mim, em minha situação persistentemente muito difícil, muito gratificante, se estivesse eu em condições de merecer o seu favor. Caso considereis que um envio de minhas obras musicais e poéticas poderia ser favorável e vantajosamente recebido por Sua Majestade, solicito-vos que me informeis até quando deveria enviar-vos os exemplares*

<sup>56</sup> Reproduzido segundo a concepção original de Wagner localizada no arquivo da Casa Wahnfried! (N.A.) Por “concepção original” (“*Originalkonzept*”, no original de Hunsche) podemos compreender, com Bispo (2014a), o rascunho de Wagner em alemão da correspondência que teria sido enviada depois em francês. (N.T.)

*überschicken hätte, falls Sie sich mit der Weiterbeförderung<sup>57</sup> gütigst beschweren wollten. Sollte diese Zusendung gut aufgenommen werden, so hätte ich mir vorzubehalten, ein bereits entworfenes, später auszuführendes Werk, das ich zu diesem Zwecke geeigneter finde, dem Kaiser zu dediciren.*

*Ich schließe diese Zeilen mit der abermaligen Versicherung, daß Ihr Anerbieten mir ungewöhnliche Freude gemacht, und füge meinem Dank dafür den Ausdruck größter Hochachtung bei, mit der ich bin*

[Ihr  
ergebenster  
Richard Wagner]  
[Zürich  
15. März 1857.]<sup>58</sup>

*adequadamente preparados, caso estejais disposto a encarregar-se de sua expedição. Se esta oferta fosse bem recebida, reservar-me-ia para dedicar ao Imperador uma obra já concebida, a ser realizada posteriormente, que julgo mais apropriada para este propósito.*

*Encerro estas linhas reiterando que a sua oferta proporcionou-me uma extraordinária alegria, e acrescento ao meu agradecimento a expressão da mais alta consideração, com a qual sou*

[seu  
muito dedicado  
Richard Wagner]  
[Zurique  
15 de março de 1857.]

60 III. Ernesto Ferreira França an  
Richard Wagner

Dresden le 22 Mars 1857

Monsieur.

*J'ai eu l'honneur de recevoir votre lettre du 15 et je vous prie de vouloir bien m'excuser si je n'y ai pas répondu immédiatement, à cause d'affaires pressantes. Je me mets avec beaucoup de plaisir à votre disposition pour faire parvenir à S. M. tout ce que vous voudrez me confier à cet effet. Je suis aussi bien persuadé que l'Empereur, doué de beaucoup de talent et d'un goût décidé pour lettres et les beaux arts, prendra à vos ouvrages un double intérêt. S. M.*

III. Ernesto Ferreira França [Filho] para  
Richard Wagner

Dresden, 22 de março de 1857

Senhor,

*Tive a honra e receber vossa carta do 15 e rogo-vos ter a bondade de desculpar-me se não a respondi imediatamente, por causa de negócios urgentes. Coloco-me com muito prazer à vossa disposição para fazer chegar à Sua Majestade tudo aquilo que desejeis confiar-me para este efeito. Estou também bem convencido de que o Imperador, dotado de muito talento e de um decidido gosto pelas letras e belas artes, interessar-se-á duplamente por suas obras. Sua Majestade ademais acolhe*

<sup>57</sup> No original lê-se “transporte subsequente [weiter Beförderung]”! (N.A.)

<sup>58</sup> A data é deduzida da primeira frase da carta de Ferreira-França para Wagner de 22 de março de 1857! (N.A.)

*d'ailleurs accueille toujours avec beaucoup de plaisir le mérite que S. M. considère comme donnant le droit de cité dans toutes les parties du monde. Je me mets donc, comme j'ai eu l'honneur de vous le dire, entièrement à votre disposition et vous pourrez m'envoyer, ce que vous avez l'intention de présenter à S. M. ici à Dresde — Räcknitzstrasse n.º 6 — aux soins de Mr. le Consul du Brésil.*

*Il me sera aussi très agréable de faire connaître vos ouvrages au Brésil, et [213] loin de craindre comme le paraissez faire, qu'ils ne soient pas dans notre goût, je crois au contraire qu'ils ne pourront qu'avoir beaucoup de succès. Je'en juge par moi: votre musique est une de celles qui depuis longtemps m'ont<sup>59</sup> charmé le plus. La seule difficulté dans la représentation de vos Opéras à Rio de Janeiro est la traduction du texte; mais celle là même n'est pas invincible: quant à la mise en scène, le théâtre est assez bien monté; et les artistes sont en général bons.*

*Quant à l'ouvrage futur que vous voudrez peut-être dédier à S. M. vous pouvez, Monsieur, disposer de moi en toute occasion, vu qu'il me sera toujours agréable de vous montrer combien je suis un admirateur d'un aussi beau talent.*

*Il est d'habitude quand on présente quelque ouvrage à S. M. d'écrire quelques lignes dans la première page blanche. Vous pouvez le faire en Allemand, vu que c'est une langue que l'Empereur aime et qu'il parle avec facilité; ainsi qu'en général la plupart des langues modernes de l'Europe. L'Empereur est non seulement un homme de beaucoup de dons naturels, mais aussi très instruit.*

*sempre com muito prazer o mérito que Sua Majestade considera dar direito de cidadania em todas as partes do mundo. Ponho-me então, como tive a honra de dizer-vos, inteiramente à sua disposição e podereis enviar-me, o que tiver intenção de apresentar à Sua Majestade, aqui para Dresden — Räcknitzstrasse n.º 6 — aos cuidados do Sr. Cônsul do Brasil.*

*Ser-me-ia também muito agradável tornar conhecidas vossas obras no Brasil, e [213] longe de recear como pareceis fazer, que elas não sejam do nosso gosto, creio ao contrário que elas não poderão ter senão muito sucesso. Julgo-o por mim: vossa música é uma daquelas que mais me encantaram já há bastante tempo. A única dificuldade da representação de suas óperas no Rio é a tradução do texto; mas mesmo esta não é insuperável: quanto à mise en scène, o teatro é muito bem equipado; e os artistas são em geral bons.*

*Quanto à obra futura que porventura quiserdes dedicar a Sua Majestade, podeis dispor de mim, Senhor, em qualquer ocasião, porquanto será para mim sempre agradável mostrar-vos o quanto sou um admirador de tão belo talento.*

*É habitual, quando se apresenta qualquer obra a Sua Majestade, escrever algumas linhas na primeira página em branco. Podeis fazê-lo em alemão, visto que é uma língua que o Imperador ama e que fala com facilidade; assim como em geral a maior parte das línguas modernas da Europa. O Imperador é não somente um homem de muitos dons naturais, mas também muito culto.*

<sup>59</sup> No original lê-se “a”. (N.A.)

*En me félicitant de l'occasion que j'ai eu de faire la connaissance d'une personne tellement digne d'estime je vous prie de croire à la haute considération avec laquelle j'ai l'honneur d'être*

Monsieur  
Votre très humble serviteur  
le Dr. Ernesto Ferreira França  
(Wilsdrufferg.[asse] 3).

*Felicitando-me pela ocasião que tive de travar conhecimento com uma pessoa tão digna de estima, peço-vos crer na alta consideração com que tenho a honra de ser*

Senhor  
Vosso bem humilde servo,  
Dr. Ernesto Ferreira França  
(Wilsdrufferg.[asse] 3).

#### IV. Ernesto Ferreira França an Richard Wagner

Jena de 16 Juin 1857

Monsieur!

J'ai eu l'honneur de recevoir vos deux lettres, ainsi que l'envoi que vous destinez à S. M. l'Empereur. Je me suis déjà hâté de le diriger sur Hamburg, et il partira pour Rio de Janeiro le 20 de ce mois. Quant à votre lettre à S. M. je l'envoie à ma famille avec ma correspondance, et elle sera remise par mon père lui-même entre les mains de l'Empereur.

Je vous demande mille excuses de ne pas avoir pu répondre immédiatement à votre obligeante lettre; j'étais en voyage, à Bonn, et je ne me trouve ici tout récemment. J'ai néanmoins aussitôt donné les ordres nécessaires pour que votre envoi ne fût point retardé.

J'ai eu hier encore l'occasion de pouvoir apprécier votre beau [t] gran talent. On a donné Tannhäuser au Théâtre de Weimar, et moi qui ai entendu les premiers maîtres et les premiers chanteurs de l'Europe, et qui, pour dire vrai, suis un peu blasé en fait de musique, j'en ai été tout ému et saisi d'admiration. Votre musique a produit sur moi un effet que ne produisent

#### IV. Ernesto Ferreira França para Richard Wagner

Jena, 16 de junho de 1857

Senhor!

Tive a honra de receber duas cartas vossas, bem como a remessa que destinais à Sua Majestade o Imperador. Já me apressei para encaminhá-la através de Hamburgo, e ela partirá para o Rio no dia 20 deste mês. Quanto à vossa carta à Sua Majestade, envio-a para a minha família junto à minha correspondência, e ela será entregue pessoalmente por meu pai às mãos do Imperador.

Peço-vos mil desculpas de não ter podido responder imediatamente à sua obsequiosa carta; estava em viagem, em Bonn, e encontro-me aqui apenas muito recentemente. Não obstante, dei prontamente as ordens necessárias para que vossa remessa não tivesse atraso.

Tive ontem a oportunidade de poder apreciar vosso belo e grande talento. Levou-se Tannhäuser no Teatro de Weimar, e eu, que ouvi os melhores maestros e os melhores cantores da Europa, e que, para ser franco, sou um pouco indiferente em matéria de música, fiquei todo comovido e tomado de

*certainement pas les compositions de bien d'autres grands maîtres, et si j'étais connaisseur en musique je dirais que vous avez compris le vrais langage et la poésie de l'art musical; vous parlez, vous comprenez, et pour cela [v]ous vous faites comprendre; tandis que bien d'autres ne font qu'un bruit sans discordances frappantes. Tannhäuser est enfin une de ces compositions que l'on peut entendre sans regarder la montre, d'un bout à l'autre, avec entrain, et c'est tout dire. Mais veuillez, Monsieur, m'excuser cette digression, qui pourtant n'est que la pure expression de mes sentiments. Je crois pouvoir vous prédire un immense succès à Rio Janeiro. [214]*

*En remettant votre lettre j'aurai aussi l'occasion d'envoyer une petite not[e] sur vous et vos ouvrages à un de nos premiers journaux. Je ne doute pas non plus du plaisir que S. M. aura de recevoir les ouvrages que vous Lui avez envoyés; et j'aurai l'honneur de vous faire part, aussitôt que l'on me communiquera leur remise à l'Empereur. J'aurai toujours également un vif plaisir savoir directement de vos nouvelles, et je vous prie, toutes les fois que vous voudrez bien m'honorer de vos lettres, de vous diriger à Mr. Schurz à Dresde, à l'adresse que j'ai eu l'honneur de vous donner.*

*Disposez, Monsieur, de mes faibles services, et agréez l'hommage de la véritable estime et de la haute considération avec laquelle j'ai l'honneur d'être*

Votre tout-dévoué  
Dr. E. Ferreira França.

*admiração. Vossa música produziu em mim um efeito que as composições de muitos outros grandes mestres decerto não produzem, e, se fosse conhecedor de música, diria que captastes a verdadeira linguagem e a poesia da arte musical; vós falais, vós compreendeis, e por isso vos fazeis compreender; ao passo que muitos dos outros não fazem senão um ruído sem desarmonias evidentes. Tannhäuser é, enfim, uma dessas composições que se pode ouvir sem olhar para o relógio, do começo ao fim, com entusiasmo, e isto já diz tudo. Mas querei, senhor, desculpar-me esta digressão, que todavia é apenas a pura expressão dos meus sentimentos. Creio poder predizer-vos um imenso sucesso no Rio de Janeiro. [214]*

*Ao remeter vossa carta, terei também a oportunidade de enviar uma pequena nota sobre vós e vossas obras a um de nossos principais jornais. Não duvido do prazer que Sua Majestade terá ao receber as obras que vós Lhe enviastes; e terei a honra de vos informar, tão logo me comuniquem sua entrega ao Imperador. Terei, igualmente, sempre um vivo prazer em saber diretamente de vossas notícias, e peço-vos, sempre que quiserdes honrar-me com vossas cartas, dirigir-vos ao Sr. Schurz, em Dresden, no endereço que tenho a honra de vos dar.*

*Disponhais, Senhor, dos meus humildes serviços, e aceitai a homenagem da verdadeira estima e da alta consideração com que tenho a honra de ser*

Vosso muito dedicado  
Dr. E. Ferreira França.

V. Ernesto Ferreira França an  
Richard Wagner

Jena de 26 Juin 1857

Monsieur.

*J'ai eu l'honneur de recevoir votre obligeante lettre, et c'est ma correspondance pour le Brésil qui ne m'a pas permis jusqu'à présent d'y répondre, comme c'était mon devoir: veuillez bien m'en excuser.*

*Je me trouve tout disposé à entrer dans un plan quelconque qui puisse vous être agréable, ayant en même temps la conviction que le Brésil me saura gré de lui donner l'apprécier vos grands mérites. Croyez-moi bien, Monsieur: peuple nouveau et qui ne jouit que depuis bien peu de temps d'un régime libéral et d'un ordre réglé des choses publiques, nous n'en avons pas moins un vif sentiment du beau: ma tâche sera de profiter de ces sentiments pour la culture de ma patrie, tout en ouvrant à l'hospitalière Allemagne un nouvel horizon dans un nouvel hémisphère. Ceci, soit dit en passant, n'est pas propagande: je ne m'en occupe pas. C'est la science, c'est la culture allemande que je désirais voir renaître au Brésil sous heureux auspices; c'est l'esprit allemand, correctif nécessaire des races romanes, d'ailleurs pleines de richesses intellectuelles, mais qui malheureusement ne sont en grand nombre de cas, que facultés non utilisées: je ne m'occupe guère des masses; elles s'occupent d'elles-mêmes; et se règlent par l'opinion publique, qui a ou a eu toujours plus ou moins raison.*

*Je suis donc tout à votre disposition dans ce que je pourrai pour complaire*

V. Ernesto Ferreira França para  
Richard Wagner

Jena, 26 de junho de 1857

Senhor,

*Tive a honra de receber vossa obsequiosa carta, e foi minha correspondência com o Brasil que não me permitiu até agora respondê-la, como era meu dever: querei, por favor, desculpar-me por isso.*

*Estou totalmente disposto a participar de qualquer plano que possa ser-vos agradável, tendo ao mesmo tempo a convicção de que o Brasil agradecer-me-ia por proporcionar-lhe a oportunidade de apreciar vossos grandes méritos. Acreditei-me bem, Senhor: um povo jovem, que desfruta há muito pouco tempo de um regime liberal e de uma ordem estabelecida nas questões públicas, não temos, contudo, menor sensibilidade para o belo: minha tarefa será tirar proveito desses sentimentos para o progresso da minha pátria, ao mesmo tempo em que ofereço à acolhedora Alemanha um novo horizonte em um novo hemisfério. Isso, diga-se de passagem, não é propaganda: não me ocupo dela. É a ciência, é a cultura alemã que desejaria ver renascer no Brasil sob felizes auspícios; é o espírito alemão, corretivo necessário às raças latinas, aliás cheias de riquezas intelectuais, mas que, infelizmente, em grande número de casos, não passam de faculdades não aproveitadas. Não me ocupo muito das massas; ocupam-se elas de si mesmas; e se orientam pela opinião pública, que sempre tem ou teve mais ou menos razão.*

*Estou, portanto, inteiramente à vossa disposição no que puder para satisfazer*



à vos désirs. Il s'agit à présent de mon voyage en Suisse. Quant à ce point, je me trouve malheureusement dans l'occasion tout à fait dans l'impossibilité de faire un pareille voyage. Une publication que j'ai entreprise m'en empêche, mais une fois terminée, soyez sûr que je ferai mon possible pour pouvoir vous rendre visite ce qui sera pour moi un bien vif plaisir.

Vous pourrez vous adresser directement à Jena, où je m'arrête quelque temps, quand<sup>60</sup> vous voudrez bien m'honorer de vos lettres.

Agréez encore, je vous prie, mes salutations les plus empressées.

Votre tout-dévoué  
Dr. Ernesto Ferreira França. [215]

vossos desejos. Trata-se, agora, da minha viagem à Suíça. Quanto a este ponto, infelizmente, encontro-me impossibilitado de empreender tal viagem neste momento. Uma publicação que empreendi impede-me de fazê-lo, mas uma vez concluída, esteja certo de que farei o possível para visitar-vos, o que será para mim um prazer imenso.

Podeis dirigir-vos diretamente a Jena, onde detenho-me algum tempo, quando bem desejardes honrar-me com vossas cartas.

Aceitai mais uma vez, eu vos rogo, minhas saudações mais obsequiosas.

Vosso muito dedicado  
Dr. E. Ferreira França. [215]

#### VI. Ernesto Ferreira França an Richard Wagner

Jena, le 12 Juillet 1857

Monsieur.

Encore une fois mille pardons de ce que je n'ai pas pu répondre immédiatement à votre aimable lettre. J'étais à Göttingen où j'avais des recherches à faire à la Bibliothèque, et l'ai reçue qu'à mon retour! Le projet que vous avez bien voulu me communiquer m'a charmé et, je crois, sera chez nous accueilli avec grande satisfaction. Ne voulant pas vous écrire, sans vous faire s[a]voir que je m'étais occupé sans dél[a]i de complaire à vos désirs, je viens il y [a] un moment de finir ma lettre à la Direction d Théâtre Lyrique à Rio de Janeiro.

J'écris en même temps à mon père, que je charge de pousser cette affaire, et qui

#### VI. Ernesto Ferreira França para Richard Wagner

Jena, 12 de julho de 1857

Senhor,

Uma vez mais, mil perdões por não ter podido responder imediatamente à vossa amável carta. Estava eu em Göttingen, onde tinha pesquisas a realizar na Biblioteca, e só a recebi no meu retorno! O projeto que bem desejastes comunicar-me encantou-me, e acredito que será recebido entre nós com grande satisfação. Não querendo escrever-vos sem vos informar de que me ocupei sem demora em satisfazer os vossos desejos, acabo de terminar, há um momento, minha carta para a Direção do Teatro Lírico no Rio de Janeiro.

Escrevo ao mesmo tempo ao meu pai, a quem encarrego de avançar esta questão, e

<sup>60</sup> No original lê-se “qd”. (N.A.)

*présentera également à S. M. le désir que vous m'exprimez de Lui dédier Tristan et Isolde. Mais sur ce compte je crois que vous devez écrire vous-même à S. M. et exposer Votre demande. Je me chargerai avec beaucoup de plaisir de faire parvenir votre lettre à sa haute destination. Quant à l'adresse, puisque vous m'en avez parlé au sujet de votre dernière lettre, j'ai à dire que vous pouvez la faire comme vous voudrez. Je me garderai bien de fixer des règles à quelqu'un qui a cette riche imagination et ce beau langage qui ont donné tant de succès à vos textes.*

*Ce sera, Monsieur, toujours por moi une bien vive et bien sincère satisfaction, si je réussis à faire connaître au Brésil vos Opéras en général, et en particulier ce nouvel ouvrage qui s'annonce sous d'aussi heureux auspices.*

66

*Je crois également qu'il est très utile de prendre dorénavant la délibération de traduire vos textes en Italien, vu que de cette façon on pourra avec beaucoup plus de facilité représenter vos<sup>61</sup> ouvrages en Italie, en France etc. Qua traducteur, je crois qu'il vaut beaucoup mieux que vous le choisissiez vous-même, et que le travail soit fait sous votre direction.*

*Soyez, je vous prie, bien sûr que rien de ce qui s'est passé entre nous, ne transpirera ici en Europe; et veuillez bien croire que votre lettre m'a été bien agréable à cause de la confiance que vous avez déposée en moi.*

*J'espère que la Direction à Rio vous marquera une compensation honorable pour elle et digne de vous être offerte. Je ne vois pas pourquoi vous vous gêneriez sur ce compte: toute religion entretient ses ministres. Vous pourriez même sur*

*que também apresentará a Sua Majestade o desejo que vós me expressais de dedicar-Lhe Tristão e Isolda. Mas quanto a isso acredito que deveis escrever pessoalmente a Sua Majestade e expor vosso pedido. Com muito prazer encarregar-me-ei de fazer chegar vossa carta ao seu elevado destino. Quanto à dedicatória, já que mencionastes isso a propósito de vossa última carta, devo dizer que podeis fazê-la como desejar. Vou abster-me de fixar regras a alguém que possui essa rica imaginação e essa bela linguagem que tanto sucesso trouxeram aos vossos textos.*

*Será sempre para mim, Senhor, uma satisfação muito viva e sincera, se conseguir tornar conhecidas no Brasil vossas óperas em geral, e em particular esta nova obra que se anuncia sob tão felizes auspícios.*

*Creio igualmente que seja muito útil deliberar doravante sobre a tradução de vossos textos para o italiano, visto que, dessa forma, será muito mais fácil representar vossas obras na Itália, na França etc. Quanto ao tradutor, acredito que será muito melhor que seja escolhido por vós e que o trabalho seja feito sob vossa direção.*

*Estejais bem seguro, eu vos rogo, de que nada do que aconteceu entre nós há de transpirar aqui, na Europa; e tende a bondade de acreditar que vossa carta me foi muito agradável por conta da confiança que depositastes em mim.*

*Espero que a Direção no Rio conceda-vos uma compensação que seja honrosa para ela e digna de ser oferecida a vós. Não vejo por que deveríeis vos constranger quanto a isso: toda religião*

<sup>61</sup> No original lê-se “vous”. (N.A.)

*ce sujet me donner, comme on dit en allemand — Ein[n] Wink — vu que je pourrais insinuer dans ce sens ce qui vous serait convenable. Excusez la hâte de ces lignes et soyez toujours sûr de la parfaite amitié avec laquelle j'ai l'honneur d'être, Monsieur,*

*Votre tout-dévoué  
Ferreira França.*

*sustenta seus ministros. Poderíeis até mesmo, sobre esse assunto, dar-me, como se diz em alemão — Eine[n] Wink [um sinal] —, já que poderia insinuar nesse sentido algo que vos fosse conveniente. Perdoe a pressa destas linhas e estejais sempre certo da perfeita amizade com que tenho a honra de ser, Senhor,*

*Vosso muito dedicado  
Ferreira França.*

**VII. Ernesto Ferreira França an Richard Wagner**

*Monsieur.*

*Je n'ai pas oublié la proposition que vous avez bien voulu me faire d'aller vous voir en Suisse. Ce serait moi un grand et véritable plaisir — que de faire personnellement votre connaissance. Je vous demande donc la permission de mettre en contribution votre obligeance pour un objet qui se trouverait lié à ce voyage. [216]*

*J'ai, Monsieur, essayé d'acquérir ici en Allemagne dans une Université allemande — das Recht zu dociren — ou comme on dit aussi — mir die venia legendi zu erwerben — mich als Privatdozent zu habilitiren. Malheureusement ma prétention n'a point pu avoir de suite, vu que les Ministères respectifs n'ont pas admis ma demande: da ich das Bürgerrecht in einem dem Deutschen Bund angehörigen Staate nicht hatte.*

*J'ai en conséquence pris la résolution de me diriger à cet effet à une Université de la Suisse et j'ai préféré Zürich. Je me permets donc, Monsieur, vu que je ne connais personne en Suisse, et que vous êtes sur les lieux, je me permets donc,*

**VII. Ernesto Ferreira França para Richard Wagner**

*Senhor,*

*Não esqueci a proposta que bem quisestes fazer-me para ir visitar-vos na Suíça. Seria para mim um grande e verdadeiro prazer — poder conhecer-vos pessoalmente. Solicito-vos pois vossa permissão para recorrer à vossa gentileza em um assunto que se encontraria ligado a esta viagem. [216]*

*Tentei, Senhor, obter aqui na Alemanha, em uma universidade alemã — das Recht zu dociren [autorização para docência] — ou, como também se diz, mir die venia legendi zu erwerben — mich als Privatdozent zu habilitiren [adquirir-me a venia legendi — habilitar-me como docente privado]. Lamentavelmente, minha pretensão não pôde ter continuidade, visto que os respectivos ministérios não aceitaram meu pedido: da ich das Bürgerrecht in einem dem Deutschen Bund angehörigen Staate nicht hatte [porque eu não possuía a cidadania em um dos estados pertencentes à Confederação Germânica].*

*Por conseguinte, tomei a decisão de me dirigir, para esse fim, a uma*

*dis-je, de vous prier de parler sur cet objet avec le Doyen de la faculté de Droit et de vouloir bien me donner les informations nécessaires.*

*Vous pourrez aussi avoir la complaisance de lui dire, que j'ai à cette fin écrit une dissertation latin, et que je suis Doctor Juris Ultriusque par l'Université de Leipzig. Je puis également fournir tous les documents que l'on voudra exiger de moi.*

*Je vous demande, Monsieur, mille excuses, de vous importuner sur ce compte; mais la sympathie que je me sens pour une personne aussi distinguée m'a paru une excuse suffisante pour que vous me permisiez cet appel à votre obligeance. J'ai déjà, comme j'ai eu l'honneur de vous dire, écrit à Rio de Janeiro sur le compte de Tristan et Isolde, ainsi que fait parvenir à S. M. votre demande pour la dédication. Si vous vouliez écrire directement à S. M. sur ce sujet, je me mets tout à votre disposition pour l'envoi de la lettre.*

*Agréez encore une fois, Monsieur, l'hommage de ma considération la plus haute et de la parfaite estime avec laquelle j'ai l'honneur d'être*

Jena, le 20 Juillet      Votre tout-dévoué  
1857.                      Ferreira França.

*universidade da Suíça, tendo preferido Zurique. Permito-me, portanto, Senhor, considerando que não conheço ninguém na Suíça e que vos encontras no local, permito-me portanto pedir-vos conversar sobre esse assunto com o Decano da faculdade de Direito e fornecer-me as informações necessárias.*

*Vós poderíeis também ter a gentileza de dizer a ele que, para esse fim, escrevi uma dissertação em latim e que sou Doctor Juris Ultriusque [Doutor em Direito Canônico e Civil] pela Universidade de Leipzig. Posso igualmente fornecer todos os documentos que queiram exiger de mim.*

*Peço-vos, Senhor, mil desculpas por importunar-vos com este assunto; mas a simpatia que sinto por uma pessoa tão distinta pareceu-me uma desculpa suficiente para que me permitísseis recorrer à vossa gentileza. Já escrevi, como tive a honra de informar-vos, ao Rio de Janeiro sobre Tristão e Isolda, bem como encaminhei a Sua Majestade o seu pedido referente à dedicatória. Se quiserdes escrever diretamente a Sua Majestade sobre esse assunto, coloco-me inteiramente à vossa disposição o envio da carta.*

*Aceitai, mais uma vez, Senhor, a homenagem da minha consideração mais elevada e da perfeita estima com a qual tenho a honra de ser*

Jena, 20 de julho      Vosso muito dedicado  
1857.                      Ferreira França.



**Obras citadas (notas do tradutor)**

Almeida, Renato. “Minha viagem a Bayreuth”. *Aspectos*, v. 1, n. 1, 30 set. p. 183–190, 1937.

Andrade, Mário. “Fosca (1873)”. *Revista Brasileira de Música*, v. 3, n. 2, p. 251–263, 1936.

Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de. *150 anos de música no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

Bartelt, Dawid Danilo. “Rassismus als politische Inszenierung. Das Ibero-Amerikanische Institut und der *Día de la Raza* [Racismo como encenação política. O Instituto Ibero-Americano e o *Día de la Raza*]”, in: Liehr, Reinhard; Maihold, Günther; Vollmer, Günter (ed.). *Ein Institut und sein General: Wilhelm Faupel und das Ibero-Amerikanische Institut in der Zeit des Nationalsozialismus (Bibliotheca Ibero-Americana, v. 89)*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2003. p. 67–129.

Bispo, Antonio Alexandre. “Wagner e o Brasil na mediação de E. Ferreira França Filho (1828–1888). O projeto de dedicação de *Tristan und Isolde* a D. Pedro II”. *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, v. 147, 2014a, n. 1. Disponível em: [http://revista.brasil-europa.eu/147/Wagner-Brasil\\_1976.html](http://revista.brasil-europa.eu/147/Wagner-Brasil_1976.html). Acesso em: 12 fev. 2024.

Bispo, Antonio Alexandre. “Pedro II nos festivais de Bayreuth de 1876 e o conhecimento do movimento wagneriano no Brasil: *Bayreuther Blätter* e o catálogo de N. J. Oesterlein (1841–1898)”. *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, v. 147, 2014b, n. 1. Disponível em: <http://revista.brasil-europa.eu/147/Pedro-II-e-Bayreuth.html>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Campassi, Roberta. *F. A. Brockhaus and its Relation with Brazil in the 19th Century as Supplier of Scientific Works and Publisher of Brazilian Literature* [F. A. Brockhaus e sua relação com o Brasil no século XIX como fornecedor de obras científicas e editor de literatura brasileira]. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos dos Livros). Fachbereich Philosophie und Philologie, Johannes Gutenberg-Universität Mainz, Mainz, 2017.

Castagna, Paulo. *Um século de música brasileira, de José Rodrigues Barbosa*. São Paulo: Relatório de Pesquisa Trienal para o Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2007.

Cl[au?]ß, C. “Brasilien. Dr. França und A. G. Dias”. *Magazin für die Literatur des Auslandes*, 21 abr. 1857, p. 191–192.

Dahlhaus, Carl. *Richard Wagners Musikdramen* [Os dramas musicais de Richard Wagner]. Stuttgart: Reclam, 1996 [1.ª ed. 1971].

Feder, Ernesto. “Teria D. Pedro II convidado Ricardo Wagner para o Rio?”. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1943a, p. 3-4 (primeira parte); 21 mar. 1943b, p. 5 (segunda parte); 28 mar. 1943c, p. 3 (terceira parte); 4 abr. 1943d, p. 3 (quarta parte).

Garcia, Rodolfo. “O ensino da língua tupi (ou D. Pedro II e a língua tupi)”. *Separata da Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, s.d.

Hunsche, Carlos Henrique. “Os projetos de Wagner relativos ao Brasil em 1857: tentativa de uma retificação histórica, com base numa troca de correspondência não publicada”. *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro* (Alberto Theile, ed.). v. 11, n. 23, p. 80-84, 1971.

Lacombe, Américo Jacobina. “D. Pedro II e Wagner”. *Revista Brasileira*, v. 4, n. 9, abr. 1944, p. 137-141.

Lacombe, Américo Jacobina. *Relíquias da nossa história*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

70

Lyra, Heitor. *História de Dom Pedro II, v. 2 (Fastígio, 1870-1880)*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

Mariz, Vasco. “D. Pedro II, admirador de Wagner”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 149, v. 306, Rio de Janeiro, jul.-set. 1988, p. 269-370.

Millington, Barry (org.). *Wagner: um compêndio*. Trad. Luiz Paulo Sampaio e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995 [1.ª ed. 1992].

Millington, Barry. “Chamberlain, Houston Stewart”. *Grove Music Online*.

Disponível em: <https://www.oxfordmusiconline.com/grovemusic/view/10.1093/gmo/9781561592630.001.0001/omo-9781561592630-e-0000005378>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Nogueira, Marcos Pupo. *Muito além do melodrama: os prelúdios e sinfonias das óperas de Carlos Gomes*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

Vidal, João. “O wagnerismo de Alberto Nepomuceno e sua evolução na canção de câmara”. *Musica Theorica*, v. 5, n. 1, p. 306-334, 2020.

Vidal, João; Draghi, Giulio. “Entre universalismo e *idealità* latina — A historiografia musical brasileira de Vincenzo Cernicchiaro”, in: Cernicchiaro, Vincenzo. *História da*

*música no Brasil: dos tempos coloniais aos nossos dias (1549–1925)*. Edição crítica, tradução, introdução e notas por Giulio Draghi e João Vidal, apresentação de Antonio Alexandre Bispo. Rio de Janeiro: Ricercare Editora e Fundação Biblioteca Nacional, Coordenadoria de Editoração, 2022. p. xxix–ci.

Voss, Egon. “Vom Idee zum Werk [Da ideia à obra]”, in: Lütteken, Laurenz (ed.). *Wagner-Handbuch: Sonderausgabe*. Kassel e Berlim: Bärenreiter, Metzler, 2021 [1.<sup>a</sup> ed. 2012]. p. 226–235.